



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A DIDÁTICA E O PSICODRAMA: SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
REALIZAÇÃO DE ENCONTROS EM GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS**

JÉSSICA FERREIRA SANTOS

Brasília – DF

Junho/2014

JÉSSICA FERREIRA SANTOS

**A DIDÁTICA E O PSICODRAMA: SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
REALIZAÇÃO DE ENCONTROS EM GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS**

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação (FE) como
requisito à obtenção do título de
Graduação do Curso de Pedagogia
da Universidade de Brasília (UnB).

**Orientador: Prof. Dr. Paulo
Sérgio de Andrade Bareicha.**

Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Educação

Brasília – DF

Junho/2014

JÉSSICA FERREIRA SANTOS

**A DIDÁTICA E O PSICODRAMA: SUAS CONTRIBUIÇÕES NA
REALIZAÇÃO DE ENCONTROS EM GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), apreciada e aprovada em 07 de julho de 2014 pela banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Universidade de Brasília – UnB Orientador

Prof^a. Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho

Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dr^a. Inês Maria Maeques Zanforlin Pires de Almeida

Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Dr^a. Christiane Girard Ferreira Nunes

Universidade de Brasília - UnB

Brasília – DF

Junho/2014

Dedico este trabalho a Deus, que sempre esteve presente em todos os momentos.

E aos meus pais Maria e Valteir por terem me apoiado e ajudado em todo o meu percurso, sempre estando meu lado.

AGRADECIMENTOS

Em todo o meu percurso acadêmico, desde meus primeiros anos escolares, pude perceber o quanto uma amizade, um apoio familiar são importantes em todas as horas. Quero nesse momento com minhas palavras, poder expressar o quanto me sinto realizada nesses meus 21 anos de ter conhecido as pessoas que conheci. Levo cada uma em meu coração, pois todas elas deixaram de alguma forma sua marca em mim, e me tornaram o que sou hoje.

Quero agradecer aos meus familiares, que sempre me incentivaram durante o meu percurso e se interessam em saber o andar da minha caminhada.

A todos os meus amigos que estiveram comigo nos momentos difíceis e felizes, que me proporcionaram as melhores risadas, os melhores “porres”, as melhores festas, as melhores viagens e as palavras amigas que tanto me foram necessárias durante nossos anos de amizade que se iniciaram na escola e até hoje permanecem mais fortes do que nunca. Bono, Igor, Louis, Nathália e Adriel vocês foram mais que incríveis, nunca vou me esquecer dos nossos momentos. Não posso deixar de citar Aline, Dadá, Sabrina, Wilker, Deny, Dani, Hugo, Larissa, Digão, Paulo, Julyanna, Laíse, Wanderson... Obrigada!

As minhas amigas de tanto anos Tainá, Jaíne e Bruna, passamos de tudo nesse tempo de amizade e apesar dos conflitos, vocês estão sempre lá! Os momentos felizes são os que permanecem e os que eu guardo com muito carinho, não poderia deixar de citar vocês, que venham mais oito anos de amizade.

Aos novos amigos que conquistei e entraram na minha vida de todos os jeitos possíveis! Foram tantos que é difícil citar aqui. Vocês apareceram quando eu mais precisei e espero que permaneçam que possamos viver muito mais coisas juntos!

As minhas queridas amigas que conquistei na UnB. Quem diria que nessa jornada vocês se tornariam tão especiais. Daniele, minha irmã querida, obrigada pela parceria, pelas palhaçadas diárias e pela irmandade em todos esses anos de curso. Thiene, Lohane e Ingrid vocês são muito especiais, obrigada por estarem ao meu lado.

Elisabeth minha companheira de academia, obrigada por não me soltar nem um minuto. Lillian minha “best” por me proporcionar os melhores momentos e ser aquela amiga que está presente sempre. Patrícia e Bárbara que mesmo mudando de curso, são minhas amigas queridas que me proporcionaram muitos momentos felizes.

Ao meu querido amigo, “quase namorado” Adriel que apareceu na hora certa. Obrigada por estar ao meu lado, por me fazer feliz e me sentir a menina mais especial do seu mundo. Suas palavras me encorajam e me fazem sentir melhor a cada dia. Parte dessa monografia está aqui graças a sua paciência em me ajudar e me encorajar, obrigada!

As minhas colegas de grupo socioeducativo Daniele, Alice e Ana Cláudia. Obrigada pelas trocas de informações, pelos momentos de monografia que foram difíceis, mas que enfrentamos juntas.

Aos queridos professores da Faculdade de Educação, sem vocês eu não conseguiria ter chegado até aqui, obrigada pelos ensinamentos. Quero deixar um agradecimento especial à professora Maria Helena e ao professor José Vieira pelo companheirismo e momentos que foram muito importantes tanto para vida acadêmica, quanto para amizade que foi criada.

Ao meu orientador Paulo Bareicha por todo esse percurso de projetos e pela paciência e companheirismo durante todo o processo monográfico, obrigada professor pela ajuda, pela orientação, pela gentileza e pelo café de cada dia.

A minha mãe e meu pai, não tenho palavras para agradecer o quanto vocês são importantes na minha vida, vocês são o meu tudo! Mãe você sempre foi a minha companheira, a minha melhor amiga, aquela que eu me sinto segura e amada. Pai você é o meu companheiro, que me ajuda sempre e está sempre do meu lado. Tudo o que passamos juntos só registra o quanto o meu amor é grande, sou grata eternamente e agradeço a Deus por ter me dado pais tão maravilhosos.

Para encerrar esses agradecimentos, quero dizer o quanto sou grata a Deus por tudo. Obrigada pela vida, por todos os momentos que passei, pois sei que cada um teve a sua importância e me fez crescer. Obrigada pelo percurso que percorri e espero que o Senhor continue ao meu lado, como sempre esteve. Obrigada!

*“Eu te olharei com teus olhos e Tu me
olharás com os teus”*

Jacob Levy Moreno

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as contribuições da didática psicodramática nos grupos socioeducativos (GS). Como a didática está presente em todo o processo acadêmico do indivíduo, é preciso estudá-la com mais profundidade buscando compreender suas diversas formas de aplicação, inclusive nos GS, onde jovens e adultos cumprem a medida socioeducativa, por serem pegos portando alguma substância ilícita. Para melhor compreensão do assunto o método utilizado será o fenomenológico e a pesquisa trata-se de uma pesquisa-ação. O principal objetivo da pesquisa é analisar a didática sociopsicodramática nos grupos socioeducativos. O objetivo secundário deriva da necessidade de se compreender e avaliar a didática da pedagogia da UnB em relação à gestão de grupos socioeducativos e analisar a percepção das pedagogas que atuaram na gestão de grupos socioeducativos quanto à didática utilizada nos encontros. Através da pesquisa foi possível perceber as contribuições positivas da didática psicodramática nos GS realizando a interação dos participantes, momentos de reflexão e de conhecer a si mesmo. Através de um questionário aplicado a diretoras e ex-diretoras do grupo foi perceptível tanto a lacuna deixada pela disciplina de didática do curso de Pedagogia quanto os aspectos positivos aprendidos e aproveitados na realização dos encontros dos GS.

Palavras-chave: Didática psicodramática, Grupos Socioeducativos, Psicodrama.

ABSTRACT

This work aims to investigate the contributions of psychodrama didactics the socio groups (SG). As didactics is present throughout the academic process of the individual, it is necessary to study it in more depth, trying to understand its several applications, including the application to the SG, in which young and adults serve socio-educational measures for carrying some illegal substance. Towards a better understanding of the subject, this work uses the phenomenological method and the action research. The main objective of the research is analyzing the socio-psychodrama didactics in the socio-educational groups. The secondary objective derives from the necessity to understand and evaluate the didactics of UnB pedagogy in relation to the management of socio-educational groups, besides analyzing the perception of the pedagogues who acted in the management of these groups regarding the didactic used in the meetings. Through the research, it was possible to observe the positive contributions of the socio-psychodrama didactics on the GS, as the interaction of the participants and reflective and knowing oneself moments. Through a questionnaire applied to directors and former directors of the group, it was noticeable the gap left by the didactics subject of the Pedagogy course, but also made clear how much this didactic aided in the meetings in the SG.

Key words: Psychodrama didactics, Socio Groups , Psychodrama.

LISTA DE QUADROS

P. 45 QUADRO 1- Organização da definição do processo de pesquisa. (Fonte: a autora)

P. 46 QUADRO 2- Calendário de organização dos encontros. (Fonte: a autora)

P.55 QUADRO 3 - Jogo Querer e Precisar. (Fonte: a autora)

P.58 QUADRO 4- Respostas da Questão 1. (Fonte: a autora)

P. 59 QUADRO 5- Respostas da Questão 2. (Fonte: a autora)

P. 60 QUADRO 6 - Respostas da Questão 3. (Fonte: a autora)

P. 61 QUADRO 7- Respostas da Questão 4. (Fonte: a autora)

P. 68 QUADRO 8- Respostas da Questão 5. (Fonte: a autora)

LISTA DE FIGURAS

P.35 FIGURA 1 – O tecido ou complexos psicodramáticos. (Fonte: ROMANÃ, 1999, p.14)

P. 40 FIGURA 2 – Áreas de aplicações do psicodrama pedagógico e jogos dramáticos. (Fonte: Diniz, 2001, p. 26)

P. 58 FIGURA 3 – Caixinha da Reflexão (Fonte: a autora)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CESPE	Centro de Seleção e de Promoção de Eventos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
GS	Grupo Socioeducativo
OBID	Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas
PAS	Programa de Avaliação Seriada
SERUQ	Serviço de Assessoramento a Magistrados sobre Usuários de Drogas
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SOBRAP	Sociedade Brasileira de Psicodrama
SPDCA	Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
TJDFT	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios
UCB	Universidade Católica de Brasília
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 MEMORIAL	15
2 INTRODUÇÃO	22
3 JUSTIFICATIVA	24
4 REFERENCIAL TEÓRICO	26
4.1 A SOCIOEDUCAÇÃO.....	26
4.1.1 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E AS DROGAS	28
4.1.2 OS GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS.....	29
4.2 PEDAGOGIA E DIDÁTICA.....	30
4.2.1 A PEDAGOGIA E O EDUCADOR	31
4.2.2 A DIDÁTICA.....	32
4.3 O PSICODRAMA E A EDUCAÇÃO	33
4.3.1 TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS.....	34
4.3.2 A PEDAGOGIA DO DRAMA	37
4.4 DIDÁTICA PSICODRAMÁTICA EM GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS.....	38
5 METODOLOGIA.....	42
5.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA METODOLOGIA.....	42
5.2 CORPUS DA PESQUISA	43
5.2.1 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	43
5.2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	43
5.2.3 ESCOLHA DAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	47
5.2.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DE DADOS.....	48
6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS.....	49
6.1 DESCRIÇÃO GERAL E ANÁLISE DOS ENCONTROS.....	49

6.2 ANÁLISE DA DIDÁTICA PSICODRAMÁTICA	52
6.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	58
6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	65
APÊNDICE	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho monográfico é um requisito parcial para a obtenção do título de graduação do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Ele é dividido em três partes básicas. Na primeira parte, o memorial, será relatada toda a trajetória escolar da pesquisada e do desenvolvimento da mesma, desde seus primeiros anos escolares até o percurso no curso de Pedagogia. A segunda parte consiste a pesquisa com a introdução, justificativa do tema, a relevância da pesquisa, o referencial teórico, a metodologia e o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados obtidos e os instrumentos para sua obtenção também estarão presentes. A terceira parte corresponde as perspectivas futuras onde será descrito as pretensões futuras da pesquisadora em relação a profissão e a vida pessoal.

1 MEMORIAL

Lembrar de tudo o que me ocorreu em todo esse tempo de vida não é uma tarefa fácil, são anos de muitas histórias e vivências que me marcaram de forma positiva e negativa. Cada experiência fez com que eu me tornasse a pessoa que sou hoje, com todos os defeitos e virtudes que tenho. Apesar dos 21 anos ainda me sinto uma adolescente cheia de dúvidas e questionamentos que precisam ser sanados, creio que o que vivi me ajudou de forma significativa, mas sinto que tenho muitas coisas para aprender que podem me fazer crescer ainda mais como pessoa.

Nasci no Gama, à cidade que resido até hoje. Sou filha única, meus pais não me planejaram, nasci da troca de anticoncepcionais da minha mãe, ela tinha apenas 25 anos e não estava preparada para me receber. Tudo foi acontecendo muito rápido e assim que nasci, em meio a festejos de carnaval, meus pais foram morar juntos. Foi uma época complicada em que só o meu pai trabalhava e minha mãe ficava em casa cuidando de mim. Meu pai trabalhava tanto que quando eu o encontrava nos finais de semana chorava muito querendo saber quem era aquele moço estranho. Os anos foram se passando e eu fui entendendo o valor do esforço e do trabalho do meu pai, todos os dias a sua chegada era esperada por mim, mesmo caindo de sono. Ele chegava sempre com alguma guloseima e isso me deixava ainda mais feliz.

Desde que nasci sempre tive muitos problemas respiratórios e minha vida se resumia em casa e hospital. Passei por vários médicos que me passavam todos os antibióticos possíveis, eu já não aguentava mais tomar todos aqueles remédios que me faziam melhorar por instantes e logo depois eu estava ruim novamente. Foi uma fase complicada em que eu e meus pais sofremos muito. Depois de anos tentando consegui um tratamento homeopático em um posto de saúde que me ajudou muito no tratamento dos problemas respiratórios, os antibióticos foram abandonados e os remédios naturais entram em ação. Foi muito bom ver que o tratamento deu resultado e depois de um ano recebi alta, muito raramente sofro com esses problemas.

Em casa minha mãe sempre me estimulou muito a gostar da escola. Sendo filha única tinha a presença da minha prima para brincar e nossa brincadeira preferida era a

de escolinha, sempre havia uma disputa para saber quem iria ser a professora. Tudo o que eu via eu queria copiar, sendo letras, números ou desenhos. Recebia sempre papéis e lápis para fazer os meus rabiscos diversos e foi aí que tomei gosto pelo desenho, até hoje adoro desenhar nas horas vagas. Os materiais escolares eram o meu sonho e sempre pedia para a minha mãe comprar logo a minha tão sonhada mochila.

Aos 6 anos de idade fui para a escola, vesti o meu e uniforme e coloquei a mochila nas costas com o maior orgulho do mundo. Fui para uma escola pública que fica perto da minha casa, assim que cheguei lá com a minha mãe vi todas aquelas crianças chorando e eu não entendia o porque, a escola para mim sempre foi tão sonhada, eu não conseguia entender todo aquele escarcéu de crianças querendo ir embora dali. Despedi-me da minha mãe e fui para a sala. Quando entrei me sentei, já tirei o caderno da mochila peguei e o lápis e estava pronta para escrever. Assustei-me quando vi a professora gritando o tempo todo e eu não entendia o porquê. Assim que ela fez a chamada vi que eu não estava no lugar certo, então me levou para a minha sala correta e foi aí que as experiências escolares realmente começaram.

Carla era o nome dela, a minha primeira professora do pré-escolar. A turma era muito inquieta e os gritos dela não cessavam em nenhum momento, em todo o tempo que ela esteve presente eu não aprendi nada e aquilo me deixava muito frustrada. O canto do castigo era mais utilizado do que o quadro negro, eu mesma já fui parar lá, sem ao menos ter feito nada, apenas fui reclamar que queria o meu material que um colega havia pegado, o resultado foi nós dois no canto do castigo discutindo e discutindo. Um episódio que marcou bastante foi um dia em que uma das minhas colegas pediu para ir ao banheiro e a professora não deixou, a minha colega acabou fazendo xixi na sala e aquilo me deixou muito impactada, contei para a minha mãe e meus colegas fizeram o mesmo, todos os pais foram até a escola e reclamaram de como a professora estava tratando a turma, as reclamações deram certo e ela foi substituída.

O dia em que cheguei em sala e ela não estava lá foi o dia mais feliz do meu pré-escolar. A nova professora chegou e então tudo se iluminou, seu nome é Neusimar e ela mudou todo o meu conceito do que era ser uma professora. Ela tinha um amor muito grande pela turma e o prazer de ensinar, logo nos seus primeiros dias ela nos contava histórias e nos ensinou as vogais, as primeiras letras que aprendi. Além da professora Neusimar também tínhamos aulas de artes com a professora Úrsula, ótima pessoa,

muito carinhosa e que nos fez tomar gosto pelas artes. Nesse primeiro ano de escola eu vivi de tudo um pouco, começou muito ruim, só depois eu pude perceber o que realmente era a escola e o que ela podia proporcionar, além das atividades realizadas em sala eu participava de todas as apresentações culturais de dança e teatro, mesmo sendo muito tímida para atividades em público, eu não deixava de participar de nenhuma delas, vencendo a minha timidez.

O meu ingresso no ensino fundamental foi muito esperado, eu queria logo aprender a ler e escrever. Continuei na mesma escola e por isso fiz muitos amigos que foram muito importantes nesse período, que após encontros e desencontros permanecem na minha vida até hoje. As minhas experiências foram às melhores, os meus professores foram todos maravilhosos e se tornaram a minha base para aprender e gostar ainda mais de estudar. Marlúcia, Conceição, Sandra e Avelino, eu não podia deixar de citá-los, fizeram dos meus 4 anos os melhores cheios de boas experiências e aprendizados, pude perceber o quanto o papel do professor é importante e se fez importante no meu início de escolarização.

Para seguir nos próximos anos de ensino fundamental tive que mudar de escola, também era uma escola pública e com índices altos de violência, mas isso não interferiu na minha ida para lá, era mais perto da minha casa e suas referências eram boas, apesar das brigas que ocorriam lá todos os dias. A minha mãe sempre foi do pensamento de que quem faz a escola é o aluno, e ela sabia o quanto eu era uma aluna dedicada e participativa. Assim que cheguei lá reencontrei amigos e fiz muitos novos, sempre tive muita facilidade em fazer amigos e inimigos também, muitas pessoas me odiavam pelo simples fato de eu usar um tênis uma roupa da moda, sem ao menos me conhecer. O número de professores subiu e aquilo não me incomodava eu amava professores e saber que eu ia ter mais de um me deixava feliz. Foram mais 4 anos maravilhosos com professores muito bons e uns carrascos que prefiro nem citar, pois não me acrescentaram nada de bom. A educação física e as artes foram às matérias que eu mais interessei, eu era muito próxima das professoras e realizava todas as atividades com muito entusiasmo.

Particpei dos campeonatos esportivos da escola e meu time ganhou a maioria deles, também participei de forma assídua das atividades artísticas chegando até a participar do desfile de aniversário da minha cidade. Além das artes e esportes a

professora de português me encantava e com isso o meu gosto pela matéria cresceu, ela se tornou tão importante para a minha turma que até hoje é a nossa madrinha, realizamos todos os anos encontros com ela, é muito bom ver que apesar do tempo que se passou, ela está presente em nossas vidas nos apoiando e nos estimulando sempre a estudar mais. Ver que todo o meu esforço na escola estava me rendendo bons frutos era muito bom. Minhas notas eram ótimas e meu relacionamento com colegas e professores também, não tive problemas que me frustrassem, pelo contrário as experiências foram às melhores. Deixar aquela escola partia meu coração, mas eu sabia que tinha que continuar e que o tão temido ensino médio me esperava.

A escola que eu decidi ir também era público alvo de críticas, todos falam que era uma escola de usuários de drogas, de gays e lésbicas, o preconceito era muito grande. Não me abati com todo o falatório e fui para lá sem medo algum, o que me assustava mesmo era o fato de começar uma nova etapa na minha vida. O 1º ano foi meio complicado, eu não estava acostumada com o volume de atividades e foi um pouco de difícil de me acostumar. Biologia e Geografia eram os meus maiores problemas e logo no início minhas notas foram baixíssimas e aquilo me deixou muito assustada. Fui pegando o ritmo da escola que era um pouco puxado e logo fiquei tranquila, virei amiga dos professores e fiz novas amizades. Como sempre participava de tudo o que eu podia e mais uma vez me empenhei nos esportes e nas artes, fiz apresentações de dança e participei do campeonato da escola, mas não consegui vencer.

Desde o 1º ano a escola já nos incentivava a estudar para o vestibular da Universidade de Brasília (UnB), Programa de Avaliação Seriada (PAS) e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), então eu já estava me preparando durante os anos, até que quando cheguei no 3º ano a ficha realmente caiu e eu tive que fazer a escolha do curso. Mesmo gostando muito de esportes e artes não pensei em nenhuma das possibilidades então resolvi conversar com minha mãe. Os conselhos dela me ajudaram bastante e pensando em toda a minha trajetória escolar sempre tive muito contato com os meus professores e nas atividades eu sempre ajudava os meus colegas no que eu podia, então ela me sugeriu a pedagogia. Pensei e pensei, então sem ter mais tempo de pensar eu precisava agir e a pedagogia foi à escolha final. Fiz todas as provas, mas eu não estava tão animada quanto os meus colegas, pensava que não conseguiria passar, pois via o quanto os outros alunos se esforçavam e eu não fazia nem a metade.

Comecei um curso preparatório que custou muito caro, eu ia todas as tardes de segunda a sexta-feira e aquilo me deixava exausta. Não tinha vontade alguma, odiava aquele lugar, dormia nas aulas e só o que eu queria era ir embora. Conversei com a minha mãe e então larguei o cursinho. Ter as minhas tardes livres era a minha maior felicidade. O ensino médio acabou e como formatura minha turma optou por fazer uma viagem. A viagem foi maravilhosa e logo em seguida quando voltamos era o final de semana do vestibular. Fiz a prova com muita calma e sem pressão alguma, pois meus pais e nem ninguém me pressionavam com essa questão de passar no vestibular.

No início de 2011 começaram a sair os resultados do PAS e vestibular e eu sofria com cada resultado, via a maioria dos meus amigos passando e eu não conseguindo, me sentia feliz por eles e frustrada por mim, então perdi as esperanças com a UnB e foquei no ENEM. A minha nota tinha sido muito boa o que me proporcionaria uma bolsa de 100%, e foi o que eu consegui, uma bolsa integral na Universidade Católica de Brasília (UCB) para o curso de educação física. Comecei a estudar lá em fevereiro e eu estava adorando o curso, mas eu não gostava tanto das pessoas e do local. Apesar de me sentir acolhida parecia que faltava alguma coisa, eu não estava feliz por completo. Depois de quase um mês estudando lá recebi um telefonema que mudou o rumo da minha vida acadêmica.

O telefonema era do Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (CESPE), a moça me informava que eu havia passado no Vestibular de 3ª chamada, eu não acreditei e pedi para que a moça repetisse. Foi tudo muito inesperado, passei por uma semana complicada, eu não queria largar o curso de educação física e não queria perder a oportunidade de estudar na UnB. Dias e dias pensando, ouvindo opiniões e então optei por deixar a UCB e seguir rumo a UnB. Hoje vejo que foi uma das melhores decisões que já tomei. A UnB é outro mundo, outra vida, é muito diferente de tudo o que eu esperava. É um lugar tão grande e cheio de diversidade que me encantou logo no início. Os anos foram se passando e eu comecei a gostar muito do curso. Algumas disciplinas me faziam gostar ainda mais e os professores também nos auxiliavam nessa caminhada.

A escolha dos projetos foi algo complicado, eu ainda não tinha a noção de todas as áreas que um pedagogo poderia trabalhar. Decidi pela área de alfabetização e letramento no Projeto 3 fase1 com a professora Vera Lucas, foi uma experiência gratificante pois lidamos com questionários, projeto de pesquisa mas ainda sim não era

aquilo que eu estava procurando. Na disciplina de Pesquisa em Educação 1 conheci o professor Paulo Bareicha, o relacionamento com ele sempre foi ótimo e na hora de procurar projetos e ver que ele oferecia um, foi muito bom e então a procura por ele foi imediata. Eu e mais algumas colegas de curso procuramos o professor que nos acolheu em seu projeto que tinha o nome de Educação Integral, mas na realidade o projeto era ligado a grupos socioeducativos. No começo foi um pouco assustador, pois o grupo lida com usuários de drogas e a visão que eu tinha sobre eles era muito preconceituosa. A possibilidade de um pedagogo lidar com esses grupos também era algo novo pra mim.

Fiquei nos Projetos 3 fase 2 e 3 com o projeto socioeducativo e eu estava gostando muito de estar ali com pessoas diferentes e trocando diversas experiências, o grupo utiliza do psicodrama em seus encontros e que aquela forma diferenciada de como eram feitas as reuniões me deixava bastante entusiasmada. Ao mesmo tempo que gostava muito do projeto socioeducativo comecei também a me encantar pela matemática, como as aulas de matemática eram bem práticas, eu gostava muito e ao saber que o professor Cristiano tinha um projeto eu me interessei e quis participar. Eu não queria largar o grupo socioeducativo então fiz o Projeto 4 fase 1 com o Cristiano na área da matemática e fiz o Projeto 4 fase 2 com Paulo Bareicha continuando no grupo socioeducativo.

Fazer o projeto com o professor Cristiano foi muito bom, pois eu nunca tinha tido a experiência como docente em uma escola, apenas havia ido fazer observações para algumas disciplinas, mas nunca havia participado ativamente em sala de aula. A professora que me recebeu era de uma turma de educação infantil e a escola se localizava em Sobradinho. A experiência que tive com ela foi maravilhosa, eu a ajudava em todas as tarefas e aquilo me fazia sentir presente e mais a vontade com a turma que era bastante inquieta, mas que conquistou o meu coração, sinto falta de cada um deles e não vou esquecê-los. Nesse mesmo período do estágio passei por algumas complicações de saúde. Sentia muitas dores no estômago e tive que ir ao hospital, fui atendida, medicada e voltei para casa. Não melhorei, as dores pioraram então voltei ao hospital. Tive que ficar internada sem ao menos saber o que eu tinha, pois nenhuma médico havia conseguido me diagnosticar.

Foram dias difíceis no hospital, fiz diversos exames de sangue, fui ao ginecologista, fiz tomografia, tirei diversos raios-x e nada era diagnosticado. Fiquei

internada durante três dias sem comer nada e sem tomar água, apenas a base de medicamentos. Deram-me alta e me encaminharam a um especialista, após fazer uma endoscopia, finalmente descobri que o meu problema era no esôfago e que eu estava com esofagite. Foram dois meses de tratamento com vários remédios e isso prejudicou um pouco a minha vida na UnB, faltei aulas e dias de estágio, a compreensão dos professores e da professora do estágio foram muito importantes nessa fase. Após o tratamento, fiquei bem melhor, tenho controlado a minha alimentação, mas o medo ainda está presente em mim, não quero passar dias no hospital novamente.

A ida ao projeto do professor Cristiano me entusiasmou ainda mais com o meu curso, pois pude perceber como a atuação do pedagogo na escola é importante, já com o professor Paulo percebi que o pedagogo também é importante em ambientes não escolares, esse percurso dos projetos me fez ver o quanto eles são importantes na nossa escolha de monografia. No Projeto 5 segui com o professor Paulo e o grupo socioeducativo, o tema que escolhi está relacionado com a vivência que tive nos grupos. O tempo que me dediquei ao projeto foi muito importante e escrever sobre ele vai enriquecer ainda mais toda a experiência que vivi lá.

Creio que todo o meu percurso desde o pré-escolar até chegar a universidade influenciaram na minha escolha do curso, apesar de passar por muitos períodos de dúvidas e questionamentos sinto que optei pelo certo e que realmente a pedagogia em algum momento iria se fazer presente em minha vida. A escolha do projeto 5 também não foi por acaso, todo o meu percurso na universidade me levou ao tema que defendo hoje. Lidar com pessoas de diversas idades é uma tarefa difícil, o pedagogo é um dos profissionais que tem essa capacidade, ser pedagogo é ser humano e é nessa busca que pretendo seguir o meu caminho, de entender e poder transmitir conhecimentos aqueles que me são próximos.

2 INTRODUÇÃO

Durante toda a nossa vida estudantil, diversos professores, diversas atividades passam por nós a cada ano, cada uma deixando a sua marca, sendo ela positiva ou negativa. Os aprendizados vão acontecendo de maneira diversificada dependendo das condições onde esses aconteçam.

A escola, a sala de aula, é o local mais conhecido como o lugar do saber, mas não é sempre que esse aprendizado irá ocorrer lá. Na vida o processo de aprendizagem acontece em todos os momentos e isto é o que nós torna o que somos hoje. Tudo pelo o que passamos se torna um aprendizado que é levado para a vida inteira. As mães e os pais são os primeiros a proporcionaram esse contato ao conhecimento, transmitem seus costumes, suas histórias, suas lições cotidianas e assim segue o ritmo de aprendizado de cada família.

A sociedade nos transmite saberes através das leis que nos são colocadas e que devem ser seguidas, se não forem ocorrem as punições que vão desde a obstrução da liberdade a penas menores como serviço comunitário. Os grupos socioeducativos (GS) também são maneira de punir á jovens e adolescentes que são encontrados portando alguma substancia ilícita, como maconha, cocaína e diversas outras drogas. Os grupos, assim como na escola, têm a sua forma de passar um conhecimento que pode ser diversificada. Palestras e filmes educativos são os mais utilizados e porque não abordar uma didática diferenciada para esses jovens e adultos que passam pelo GS?

Na escola temos a didática que ocasiona o aprendizado de diversas formas, cada professor tem a sua maneira de transmitir os conteúdos o que gera o aprender. Após estudos é fácil perceber como é rica a possibilidade de se transmitir conteúdos. A didática psicodramática é uma delas e foi a escolhida para ser trabalhada no Instituto Círculo de Giz onde acontecem os encontros do GS utilizados nesta pesquisa. Tudo o que fazemos durante nossas vidas, nos causas consequências e por isso a pesquisadora chegou a origem desse tema.

O problema norteador da pesquisa é: quais as características da didáticasociopsicodramática na realização dos grupos socioeducativos? O principal objetivo estruturado na investigação fenomenológica e baseado numa pesquisa-ação é

analisar a didática sociopsicodramática nos grupos socioeducativos. O objetivo secundário deriva da necessidade de se compreender e avaliar a didática da pedagogia da UnB em relação à gestão de grupos socioeducativos e analisar a percepção das pedagogas que atuaram na gestão de grupos socioeducativos quanto à didática utilizada nos encontros.

A partir das obras de Jacob Levy Moreno e Maria Alicia Romaña que tratam sobre o psicodrama, suas técnicas e a pedagogia psicodramática, e ainda com obras que relatam o histórico do Instituto Círculo de Giz com orientação do Prof. Dr. Paulo Bareicha procura-se responder aos objetivos desta pesquisa.

A intenção deste trabalho é de conseguir perceber as contribuições dessa didática diferenciada, aliada ao psicodrama e de perceber como ela pode ajudar no processo dos encontros dos GS. A ideia de analisar a percepção das pedagogas surgiu com o intuito de saber as opiniões de pessoas que já trabalharam ou ainda trabalham com essa didática.

3 JUSTIFICATIVA

Em todos os momentos de nossas vidas o aprendizado ocorre de forma significativa. Desde muito pequenos e até mesmo dentro da barriga da mãe, a interação com o mundo se faz importante e o aprendizado vai acontecendo de maneira natural e espontânea. Em ambientes grupais a troca de aprendizado é um dos principais fatores que ajudam na interação entre seus participantes.

Ambientes escolares com professores, colegas de turma e toda aquela imagem de um ambiente próprio para o ensino, inferem que nesses locais é que realmente acontece o aprendizado de fato. Enganam-se as pessoas que acreditam que apenas na escola as crianças, os jovens e os adultos aprendem de maneira concreta conteúdos para serem utilizados em sua vida futura.

O pedagogo por atuar de forma assídua nos ambientes escolares, acaba por não conhecer suas diversas formas de atuação em ambientes não escolares e com didáticas que podem ir muito além de apenas apresentar conteúdos programados durante o ano letivo. Os grupos socioeducativos são um grande exemplo disso e neles o pedagogo pode atuar de forma assídua utilizando de diversas formas sua didática pedagógica para ensinar de maneiras de diferentes e também com distintas técnicas. Assim surgiu o problema da pesquisa: como é realizada e quais são as contribuições da didática psicodramática nos grupos socioeducativos?

A pedagogia dos grupos socioeducativos não é abordada de maneira significativa no próprio curso de pedagogia. Trabalhos na área também não são muito comuns o que leva a crer que esta área de trabalho do pedagogo tem muito a ser explorada. O contato inicial com os grupos foi uma surpresa e hoje posso perceber o quanto o pedagogo precisa conhecer suas áreas de atuação e como sua didática pode interferir nas mesmas.

A didática abordada na disciplina oferecida na faculdade de educação não nos ensina a como utilizar as mesmas em diversos ambientes a não ser os escolares. Minha experiência com as aulas foi frustrante o que me fez perceber o quanto a didática pode

ser explorada e utilizada como recurso para diversos ambientes, que a troca de informações e experiências de faz importante.

A didática aliada ao psicodrama nos grupos socioeducativos, tem um papel importante e pode ajudar os participantes, que ali estão em conflito com a lei, a participar de forma mais ativa nos encontros com diversas atividades que ressaltam experiências vividas e que podem ajudá-los a sentirem-se mais motivados. A didática psicodramática é uma didática diferenciada que aborda temas cotidianos com diversas atividades envolvendo teatro, jornais e outros tipos de matérias, o que ajuda em melhor aproveitamento dos encontros.

A educação tem um vasto campo a ser explorado e por motivos de mera falta de informação, esses caminhos permanecem adormecidos. O tema deste trabalho vem para que os pedagogos se interessem mais por diversas áreas e para que possam compreender como sua didática se faz importante no processo do ensinar e aprender, sendo esses ambientes escolares ou não, o psicodrama será o tema mais abordado e estudado de maneira que aliado com a didática terá contribuições nos encontros e para os participantes do grupo socioeducativo, essas questões justificam a relevância do estudo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda a socioeducação trazendo o seu contexto antigo e o atual no tratamento dos adolescentes infratores, as medidas socioeducativas e as drogas no âmbito da legislação e os grupos socioeducativos que são analisados neste trabalho. O segundo capítulo relata a pedagogia e a didática sendo contextualizadas por Paulo Freire e José Libâneo visando também o educador. O terceiro capítulo aponta o psicodrama de Jacob Levy Moreno pelas perspectivas de Maria Alicia Romana, bem como as suas técnicas e a pedagogia ligada ao drama. O último capítulo traz uma breve apresentação da didática psicodramática e suas diversas aplicações.

4.1 A SOCIOEDUCAÇÃO

A socioeducação foi elaborada com o intuito de preparar os adolescentes que estão em situação de risco com a justiça para viver em sociedade. Segundo o guia elaborado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, por meio da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente – SPDCA a socioeducação deve atuar da seguinte maneira:

[...] ao lado da educação básica e profissional, o Brasil deve desenvolver a socioeducação, modalidade de ação educativa destinada a preparar os adolescentes para o convívio social no marco da legalidade e da moralidade socialmente aceitas, como forma de assegurar sua efetiva e plena socialização. Os nossos objetivos são claros: 1. O respeito à integridade física, psicológica e moral dos adolescentes privados de liberdade; 2. O desenvolvimento de uma ação socioeducativa de qualidade, visando formar o adolescente como pessoa, cidadão e futuro profissional; 3. A segurança dos cidadãos, pela efetiva redução dos atos infracionais cometidos por adolescentes. (Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006)

Entre todos os profissionais que estão envolvidos no âmbito da socioeducação, existe um que merece uma atenção especial, estes são os educadores sociais. “Torna-se importante promover investigações que possam auxiliar o trabalho diário com os educandos, neste caso os adolescentes em conflito com a lei [...]. São esses profissionais que orientam, quase que por inteiro, o processo de internação dos adolescentes. (PINTO e LEMOS, 2011, p.118)

Crianças e adolescentes na década de 80 que eram ou não autores de infrações penais, passam pelo ciclo perverso da institucionalização (apreensão, triagem, rotulação, deportação e confinamento) que era aplicado no Brasil e em toda a América Latina.

1. APREENSÃO: Qualquer criança ou adolescente encontrado nas ruas em situação considerada de risco pessoal e social, independentemente de estar infringindo a lei, poderia e deveria ser apreendido e conduzido à presença da autoridade responsável, ou seja, do juiz de menores;2. TRIAGEM: A conduta do magistrado, nesse caso, era encaminhar o menor a um centro de triagem (observação), a fim de que ali se procedesse ao competente estudo social do caso, ao exame médico e à elaboração do laudo psicopedagógico;3. ROTULAÇÃO: Esses estudos terminavam, invariavelmente, com o enquadramento da criança ou do adolescente em uma das subcategorias da situação irregular (carente, abandonado, inadaptado ou infrator), ou seja, na sua rotulação;4. DEPORTAÇÃO: A decisão do juiz, tanto para infratores como para não-infratores, consistia em escolher, num mesmo conjunto de medidas, a que melhor lhe parecesse adequada ao caso. Sua opção por esta ou aquela medida não se prendia a nenhum critério objetivo, nem comportava direito de defesa. Tratava-se de uma decisão baseada no “prudente arbítrio” de um bom pai de família. Como a família, na maioria dos estudos de caso, aparece como frágil e vulnerável em termos socioeconômicos e morais, a decisão mais comum era o afastamento do menor para longe do continente afetivo de seu núcleo familiar e das vinculações socioculturais com o seu meio de origem;5. CONFINAMENTO: A medida de internação era aplicada indistintamente a menores carentes, abandonados, inadaptados e infratores. A única diferença é que estes últimos cumpriam sua “medida” em estabelecimentos especializados, ou seja, dotados de maiores índices de contenção e segurança. No mais, as unidades de internação eram muito parecidas no cumprimento de seu papel de segregação consciente de uma parte da infanto-adolescência do convívio social cotidiano. Para quem conhece a rede de instituições totais para crianças e adolescentes na região sabe que, mais do que privar de liberdade, elas frequentemente privam os internos do respeito, da dignidade, da identidade e da integridade física, psicológica e moral. (Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006)

Atualmente as práticas para os jovens e adultos em conflito com a lei podem ser resolvidas através das práticas socioeducativas. Essas práticas segundo Zucchetti e

Moura (2010, apud BOHRER, 2012, p.15) “têm se desenvolvido em espaços escolares e não escolares [...] são bastante heterogêneas e constituem experiências de educação realizadas tanto em organizações governamentais como não governamentais, que se ocupam de crianças, jovens, mulheres, moradores de bairros, entre outros e que tem o intuito de desenvolver trabalhos de prevenção, ações assistenciais, práticas de militância, sociabilidade, formação para o trabalho, etc.” As medidas socioeducativas serão abordadas no tópico a seguir.

4.1.1 MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E AS DROGAS

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) é que regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a algum ato infracional. “Entende-se por SINASE o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei.” (BRASIL, Lei nº 12.494, de 18 de janeiro de 2012, 2013)

As medidas socioeducativas com adolescentes segundo Penso (2010, apud BOHRER 2012, p.38) “[...] podem ser tomadas como referência para o trabalho com jovens e adultos que chegam a justiça por porte ou uso de drogas.” Isso ocorre porque a faixa etária dos atendidos pelos grupos socioeducativos (GS), não são apenas adolescentes, o atendimento também é cedido a adultos em conflito com a lei. Duas situações importantes são destacadas pelos seguintes autores em relação à Nova Lei de Drogas:

Bareicha e Bohrer (2010) destacam [...] A primeira – mencionada no Art. 19, inciso XI – descreve a importância da implementação de projetos pedagógicos, em instituições de ensino público e privado. A segunda – aludida no Art. 22, inciso III – aponta para a definição de projeto terapêutico, orientado para a inclusão social, bem como redução de riscos e de danos sociais e a saúde. Os autores salientam que a Lei não explica como estes trabalhos devem ser abordados. Contudo, fica subentendido, na primeira situação, um caráter escolar, informativo e educativo e, no segundo, um caráter clínico, que se ocupa com o tratamento da doença. Nesta perspectiva, entre o educativo e o terapêutico, foi desenvolvido um trabalho com os usuários de drogas, fundamentado nas pedagogias ativas e na teoria

socionômica, onde a proposta é participativa e vivencial, o Programa GS. (BAREICHA e BOHRER 2010 apud BOHRER, 2012, p. 39)

Os grupos socioeducativos recebem usuários jovens e adultos usuários dos mais diversos tipos de drogas (lícitas ou ilícitas), a principal que os levam ao encontro do grupo é a maconha. “Segundo o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID, 2007), a maconha, também conhecida como haxixe, erva, baseado, “é o nome dado à planta conhecida cientificamente como *Cannabis Sativa*.” O OBID aponta que o THC (tetraidrocanabinol) “é uma substância química produzida pela planta da maconha, sendo essa a principal responsável pelos efeitos psíquicos da droga no organismo (FRANCO, 2012, p.43). Discutir os efeitos da droga é complexo, cada organismo reage de uma forma em relação ao uso da mesma. O uso da maconha dependendo do lugar e quantidade que o usuário está portando o enquadra em algum dispositivo da lei, o levando ou não ao GS. A seguir o GS utilizado para esta pesquisa será melhor detalhado.

4.1.2 OS GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS

Os grupos socioeducativos do Instituto Círculo de Giz serão os GS analisados para este trabalho, que segundo Bareicha (2010) tem como principal objetivo “promover um espaço para acolhimento de problemas, tratamento conjunto de questões comuns, compartilhamento de perspectivas e, se for possível, tomada de decisões.” Nos grupos é possível realizar as mais diversas atividades, “constituem espaços de criação de possibilidades de experiências ímpares para quem deles participam.” (BAREICHA, 2010)

A dinâmica utilizada nos grupos é baseada na Socionomia de Jacob Levy Moreno. “Ele dá origem a Socionomia, ciência que mostra na sua fundamentação teórica conceitos que valorizam a manifestação da espontaneidade e da criatividade. (ROMAÑA, 2004, p. 32). Segundo Romanã (2004), os três ramos que a Socionomia comporta são:

A Sociatria dá conta das práticas ligadas ao aspecto clínico ou psicoterapêutico. A sociometria está diretamente associada a todos os trabalhos realizados em grupo e pretende estudar as relações a todos os trabalhos realizados em grupo e pretende estudar as relações de

seus integrantes a partir de três premissas: aceitação, rejeição e indiferença. Já a Sociodinâmica se organiza a partir dos recursos e técnicas do “psicodrama”, como inversão de papéis, solilóquio, duplo e interpolação de resistências e se propõe a pesquisar, desdobrar e compreender os mais diversos assuntos, desde os que fazem parte de nossa vida emocional até os que reproduzem, seja a estrutura da realidade física, seja os que compõem a realidade simbólica e cultural. (ROMAÑA, 2004, p. 32-33)

Bohrer (2012, apud FRANCO, 2013, p. 36) “discorre sobre o GS do Instituto Circulo de Giz afirmando que “cada integrante inserido no grupo, torna-se agente reflexivo e participativo do processo” e que, apesar do encaminhamento dos participantes ser judicial para fim de cumprimento de pena através de medida socioeducativa, a finalidade dos encontros é abrir um espaço protegido para discussão de diversas questões, não só de drogas, mas das dificuldades vivenciadas e compartilhadas.” Além destas questões o grupo aborda diversas atividades diferenciadas ligadas a uma pedagogia e didática psicodramática que serão tratadas em outros tópicos.

4.2 PEDAGOGIA E DIDÁTICA

A Pedagogia e a Didática podem ser aliados no processo de ensino e aprendizagem em diversos espaços, sendo esses escolares ou não escolares. O processo de ensino e aprendizagem ocorre a todo o momento e o educador deve saber utilizar disso em sua prática. Nos GS o pedagogo pode utilizar desta prática em seu favor para que os encontros realizados tenham uma didática relacional onde são observados diversos pontos de vista. Segundo Libâneo (1994, p. 52):

A Pedagogia investiga a natureza das finalidades da educação como processo social, no seio de uma determinada sociedade, bem como as metodologias apropriadas para a formação dos indivíduos, tendo em vista o seu desenvolvimento humano para as tarefas na vida em sociedade. [...] A Didática é, pois uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino através de seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento numa teoria da educação, formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores”. (LIBÂNEO, 1994, p.52)

Nos tópicos seguintes serão abordadas a Didática e Pedagogia de forma mais descritiva a fim de organizar o entendimento da abordagem dos Grupos Socioeducativos.

4.2.1 A PEDAGOGIA E O EDUCADOR

A palavra pedagogia vem do grego (pais, paidos = criança; agein = conduzir; logos = tratado, ciência) e pode ser definida como estudo teórico das questões da educação, a arte de instruir, ensinar ou educar crianças, ou ainda o conjunto de ideias de um educador prático ou teorista em educação (MICHAELIS, dicionário). Somente essas definições não abordam nem metade do que a pedagogia pode ser e onde pode atuar.

A pedagogia também é considerada “um campo do conhecimento que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social.” (LIBÂNEO, 1994, p.24). A pedagogia tem a finalidade de orientar, criar condições para que o indivíduo possa viver em sociedade.

A pedagogia consiste no ensinar, mas ensinar o que? E a quem? “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto*— *alguma coisa* — e um objeto *indireto* — *a alguém*”. (FREIRE, 1996, p. 23) Na pedagogia o educador tem o papel principal, ele está presente em todo o processo de ensino e aprendizagem e se faz importante em cada etapa. O educador não deve apenas transferir seus conhecimentos, o educador e educando juntos devem produzir o saber.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, por tanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p.26)

Uma educação baseada na opressão não oferece resultados favoráveis no processo de ensino. Paulo Freire (1987) já tratava desta temática e falava até mesmo de uma domesticação. “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação,

pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significado” (FREIRE, 1987). Seria necessário que o homem se descobrisse como ser pensante para se livrar da educação opressora.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e sua resposta as levam as novas perguntas. (FREIRE, 1987, p.40)

A pedagogia e a educação passaram por diversas fases e diversas concepções de como educar e como o conhecimento deveria realmente ser transmitido, o processo de ensino e aprendizagem acontece de forma conjunta (educador e educando) sendo necessário fazer a pesquisas sobre as diversas formas de aprendizagem.

4.2.2 A DIDÁTICA

A pedagogia como ciência estuda a educação, a instrução e o ensino, portanto se compõe de ramos de estudo como a Teoria da Educação, a Didática, a Organização Escolar e a História da Educação e Pedagogia. Busca em outras ciências o esclarecimento do seu objeto que é o fenômeno educativo, são elas a Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da educação, Biologia da Educação, Economia da educação e outras. (LIBÂNEO, 1994). Nesta pesquisa a Didática será o ramo de estudo da pedagogia abordado.

A Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais do aluno. A Didática está intimamente ligada à Teoria da Educação e à Teoria da Organização Escolar e, de modo muito especial, vincula-se à Teoria do Conhecimento e à Psicologia da Educação. (LIBÂNEO, 1994, p.26)

Em uma perspectiva instrumental a Didática “é concebida como um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o “como fazer” pedagógico, conhecimentos estes

apresentados de forma universal e, conseqüentemente, desvinculados dos problemas relativos ao sentido e as fins da educação, dos conteúdos específicos, assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados. De alguma forma, explícita ou implicitamente, esta concepção está informada pela tentativa de Comênio de propor “um artifício universal para ensinar tudo a todos.” (CANDAU, 1993, p.13-14)

Para Candau (1993) a Didática precisa passar por uma reconstrução, e passa a considerá-la com outra perspectiva, reconstrói-a para a multidimensionalidade:

A perspectiva fundamental da Didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política, no centro configurador de sua temática. (CANDAU, 1984, p.21)

A didática, assim como a pedagogia não acontecem apenas em espaços escolares, segundo Libâneo (1994) a atividade educativa pode acontecer nas mais variadas esferas da vida social, sendo elas a família, grupos sociais, instituições educacionais ou assistências, nas associações profissionais, sindicais e comunitárias, nas igrejas, empresas, nos meios de comunicação etc. e pode assumir diferentes formas de organização. Ela se liga com os demais campos do conhecimento pedagógico, o que permite um campo de possibilidades de trabalho, como veremos a seguir.

4.3 O PSICODRAMA E A EDUCAÇÃO

“O Psicodrama foi criado por Jacob Levi Moreno nas primeiras décadas deste século. De modo geral pode ser definido como um método de trabalho em grupo que se sustenta operacionalmente a partir da utilização de algumas técnicas específicas. As mais utilizadas são: inversão de papéis, solilóquio, espelho, duplo, simbolização e interpolação de resistências. Cada uma delas pretende provocar algum tipo de reação diferente nos participantes.” (ROMAÑA, 1999, p. 12)

Segundo Moreno (1993, apud FRANCO, 2013, p. 54) “o psicodrama projeta processos, situações, papéis e conflitos reais num meio experimental, o teatro terapêutico”, que ele diz ser “um meio que pode ser tão vasto quanto as asas da

imaginação permitam e que pode conter, entretanto, cada partícula dos nossos mundo reais.”

A pedagogia aparece em diversos espaços e aliada ao psicodrama pode propiciar resultados positivos no desenvolvimento das atividades. “Para tanto, utilizar recursos pedagógicos, artísticos e do cotidiano, oferecendo uma abertura para começarmos a resgatar os rumos da busca do conhecimento, na sala de aula, nas empresas, nas psicoterapias, em reuniões e eventos, através de atividades vivencias montando, pintando, dançando, refletindo, cantando, pesquisando, relacionando e dramatizando, procurando habilidades e possibilidades, despertando desejo de agir, de ser e viver, acordando a motivação (SILVA, 1995, p. 42-43). Portanto pode-se perceber o quanto o psicodrama tem a contribuir em diversos ambientes, Silva ainda diz que:

Dessa forma, o setting psicodramático se torna um laboratório, uma oficina, um campo ativo, um lócus para experienciar e trocar, permitindo uma real visão do mundo, dos valores humanos, e da própria vida. (SILVA , 1995, p.43).

O psicodrama tornando-se um método educacional pode ser utilizado de maneira diversificada, sendo elas como um método de aprendizagem ou no treinamento do papel profissional do professor. “Como um método de aprendizagem, o psicodrama presta-se a uma didática expressiva e vivencial. Que permite ao aluno, através da experimentação, contextualizar os conceitos aprendendo seus alcances e limites. A partir da condução psicodramática, a cena é criada segundo os referencias do aluno, que se torna autor e ator de seu processo de aprendizagem – e não um receptor passivo de informações repetidas pelo professor. Ocorrendo no grupo, faz com que a apropriação dos conhecimentos seja um ato coletivo, dentro de uma perspectiva interativa e dinâmica. (ROMAÑA, 1985, 1992, apud BAREICHA, 1995, p. 125-126).

4.3.1 TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS

A inversão de papéis é a técnica considerada por excelência, a partir dela oportuniza-se a possibilidade de poder vivenciar o papel do outro de uma cena ou dramatização de um todo. Assumir o papel do “outro”, pode proporcionar a pessoa a oportunidade de compreender condutas e sentimentos alheios, e mesmo a intencionalidades dos atos do outros. (MORENO, 1975, apud ROMAÑA 1999)

O solilóquio acrescenta a inversão de papéis e possibilita ao participante falar alto o que está pensando no momento do desempenho de seu papel. O espelho é um recurso utilizado para mostrar a expressão corporal (e gestual) daquele que está sendo espelhado, para que ele possa perceber suas características no momento ou na determinada situação. O duplo, contrário ao espelho, não mostra as características mais importantes frente a frente, neste caso, quem faz a dublagem se posiciona ao lado do personagem-ator, e vai realizando as falas e gestos que ele acha que estão sendo emitidas pelo que está sendo dublado. (MORENO, 1975, apud ROMANA, 1999)

Quando o objetivo é a construção de estátuas, sendo elas fixas ou em movimento, que mostrem sentimentos e sensações, a simbolização pode ser utilizada. Na interpolação de resistências, o que se deseja é produzir uma relevante mudança na cena que está ocorrendo, para provar a consistência dos papéis desempenhados e o fator surpresa a tolerância dos participantes. Ela consiste em colocar um personagem inesperado em cena, com a reformulação e reorganização da mesma. (MORENO, 1975, apud ROMANA, 1999) Além das técnicas psicodramáticas, a autora traz os tecidos ou complexos psicodramáticos. (FIGURA 1)

Da mesma forma que as técnicas psicodramáticas aparecem contextualizadas dentro das cenas ou dramatizações, estas encontram-se contextualizadas dentro de modalidades de trabalho psicodramático, que estou denominando tecidos ou complexos psicodramáticos. Estes complexos psicodramáticos são o role playing, o sociodrama, os jogos dramáticos, o jornal vivo, o teatro espontâneo e o método educacional psicodramático. (ROMANA, 1999, p.13).

FIGURA 1 – O tecido ou complexos psicodramáticos.



Fonte: ROMANA, 1999, p.14

O role playing permite que o diretor possa pesquisar a problemática do desempenho de um papel e seus complementos. “o role playing aplica-se a papéis relacionados com a estrutura familiar, social, profissional, educacional, política etc. Essa abordagem permite realizar diagnósticos e rematizar os papéis, tornando-os mais flexíveis e melhor sintonizados com a circunstância de vida do protagonista.” (ROMAÑA, 1999, p. 13)

O sociodrama é indicado para se pesquisar uma determinada problemática em relação ao grupo. “Parte-se de uma atividade que permita subdividir o grupo para que cada sub-grupo venha a produzir uma resposta dramática à questão ou inquietação central, inicialmente colocada de modo geral.” (ROMAÑA, 1999,p.14) A resposta dramática seria a cena feita pela pessoa, ou pelo grupo, no fim, o grupo reflete sobre as cenas, pondera suas características e potencializa algumas, tornando-as mais completas em relação a opinião da maioria. (ROMAÑA, 1999). Moreno também fala sobre o sociodrama:

De acordo com Moreno (1992), métodos de ação na forma de sociodrama, podem “explorar como tratar de um só vez, conflitos que tenham surgido entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, através da mesma ação, tentar mudar a atitude que mebrs de determinada cultura têm em relação a membros de outra.” (MORENO, 1992, p. 189 apud FRANCO, 2013, p. 58)

O jornal vivo procura dar um novo tratamento a alguma notícia veiculada aos meios de comunicação. Segundo a autora “uma forma possível de trabalhar para produzir o tecido dramático próprio do jornal vivo é a de ir compondo as cenas de acordo com a versão oficial da notícia e depois introduzir as mudanças que se fizerem necessárias até que ela adquira uma versão satisfatória, na opinião do grupo.”(ROMAÑA, 1999, p. 14)

Os jogos dramáticos requerem um tecido criativo e espontâneo ao Máximo e que, ao mesmo tempo, não demande um compromisso específico com uma determinada situação ou temática, para facilitar sua integração ou para desenvolver atitudes e habilidades nos participantes. (ROMAÑA, 1999,p. 14)

O teatro espontâneo opera a partir de cenas relatadas por uma pessoa, ou outra da platéia, não necessariamente encenadas por ela. A autora diz que “[...] no teatro espontâneo, existe uma equipe de atores espontâneos que encenam as estórias. A estória pode ser biográfica, do cotidiano ou imaginaria. O teatro espontâneo permite a

percepção de alguns aspectos subjacentes na compreensão da realidade, existindo ainda uma preocupação estética.”(ROMAÑA, 1999,p.14) Sobre o método educacional psicodramático a autora afirma que os conteúdos ganham vida e podem ser dinamizados. As cenas podem seguir uma sequência, ou podem atravessar o conteúdo e o espaço, criando outro tipo de lógica que melhore a compreensão dos participantes. (ROMAÑA, 1999)

4.3.2 A PEDAGOGIA DO DRAMA

A Pedagogia do Drama é composta por três pilares de caráter construtivista: “a teoria sócio-histórica sobre o desenvolvimento de Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934), a ética da Pedagogia da Autonomia do mestre Paulo Freire (1921-1997) e uma didática sócio-psicodramática inspirada na obra de Jacob Levy Moreno”. (ROMAÑA, 2004, p. 23). Essa proposta vem para que o saber adquirido na aprendizagem formal e o adquirido com a experiência vivida sejam vinculados.

Vygotsky aparece “por que o seu sistema explicativo do desenvolvimento humano nos oferece os princípios necessários para posteriormente vir a justificar sua articulação com uma didática sócio-psicodramática”. (ROMAÑA, 2004, p. 25). Moreno, “porque, com suas práticas grupais e sua crença inabalável a respeito da criatividade, [...] permite compor formas didáticas constantemente renovadas. (ROMAÑA, 2004, p. 30) Freire porque “temos o exemplo de um educador latino-americano que sistematizou aspectos da práxis educativa que nos permitem avançar na nossa proposta da Pedagogia do Drama.” (ROMAÑA, 2004, p. 39)

A Pedagogia do Drama surgiu graças a dois fenômenos, o primeiro foi devido a uma preocupação da autora em relação aos avanços das políticas neoliberais que levaram as sociedades em desenvolvimento a uma intensificação de seus problemas estruturais, o espaço e criatividade foram ficando reduzidos. Decidida a achar uma solução apresentou suas ideias no IV Congresso Nacional de SOBAP (Sociedade Brasileira de Psicodrama) onde foram recebidas com aceitação. Assim foi nascendo a Pedagogia do Drama, de um esforço para tornar abrangente o Psicodrama Pedagógico

que era o que ela tinha em mãos e sabia utilizar. (ROMAÑA, 2004) Os pressupostos básicos da Pedagogia do Drama são os seguintes:

- 1) criar condições para incorporar no processo de aprendizado a experiência de vida dos sujeitos aprendizes;
- 2) subordinar o conhecimento curricular a esta experiência;
- 3) aprender na ação;
- 4) desvendar a natureza do saber, adquirindo instrumentos de uso cotidiano, a partir de uma metodologia de ensino democrática, participativa e (se possível) antecipatória. (ROMAÑA, 2004, p. 48)

O segundo foi em relação ao avanço do tipo de trabalho “não-clínico” do Psicodrama, que estava entre um meio termo terapêutico e pedagógico utilizado em situações diversas. Os profissionais que o aplicavam não se comprometiam com nenhuma das modalidades em específico e apenas tinham como objetivo “desenvolver a criatividade”. Esse psicodrama que a autora chama de “domesticado”, deixou-a perplexa. Dessa forma, a Pedagogia do Drama pareceu à única saída, revestido de coerência e ética como profissional. (ROMAÑA, 2004). A Pedagogia do Drama pode ser utilizada como uma didática em um GS ou em salas de aula. A didática psicodramática e suas aplicações serão abordadas no próximo capítulo.

4.4 DIDÁTICA PSICODRAMÁTICA EM GRUPOS SOCIOEDUCATIVOS

Os recursos do psicodrama podem ser utilizados de diversas formas e com diversas abordagens. Romanã (1999) diz que “se estes recursos fossem utilizados na hora de lidar com os conteúdos curriculares, teríamos a oportunidade de pesquisá-los e de experimentar abordagens diversas, desde diferentes perspectivas e pontos de vista.” (ROMAÑA, 1999, p. 15)

“A didática sócio-psicodramática tira o conteúdo de sua versão oficial, permitindo que ele venha a inserir-se em espaços e tempos vinculados às vivências dos alunos, promovendo ainda um maior interesse pela pesquisa.” (ROMAÑA, 1999, p. 15) Portanto a didática sócio-psicodramática permite um interesse maior, o que irá provocar uma busca de conhecimentos que irá permitir uma maior gama de atividades em ambientes diversos, assim como no GS.

Uma das didáticas possíveis é a utilização dos jogos. São vistos como a técnica para o aquecimento, que é o primeiro momento de um trabalho psicodramático, “sua aplicabilidade se faz presentes em vários outros momentos (trabalhos grupais e individuais). Alguns deles são: 1) como treino para o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade; 2) no trabalho em situações específicas da dinâmica grupal (agressividade, competição); 3) como facilitadores para a criação de vínculos; 4) no início, no primeiro contato de um trabalho, o chamado quebra-gelo; 5) no encerramento e na avaliação da atividade realizada.” (MONTEIRO, 2012, p.19)

No psicodrama os jogos podem ser aplicados em diversas modalidades, Monteiro (2012) complementa: “com crianças, adolescentes, adultos, casais, famílias, bem como na área socioeducacional, nas empresas, em clínica, no sociodrama, no teatro espontâneo, no role-playing etc. Podem ser também amplamente utilizados no psicodrama bipessoal, individual ou em grupo.” (MONTEIRO, 2012, p.19-20)

Voltando a Pedagogia do Drama, já abordada anteriormente, ela também tem a sua aplicabilidade. A autora sugere que a direção da atividade seja flexível, que se trabalhe em equipe, de preferência, e que haja uma intervenção com músicas, objetos, poesias que estejam associados aos assuntos tratados, tendo a função de mediadores. (ROMAÑA, 2004). Os passos a serem atendidos devem ser os seguintes:

- 1) Identificar e pôr em foco a concepção do aprendiz.
 - 2) Estabelecer uma sintonia compreensiva com a concepção do aprendiz.
 - 3) Oferecer esclarecimentos e negociar sentidos a partir dos dados de realidade e dos saberes preexistentes.
 - 4) Desafiar a consistência da concepção do aprendiz sugerindo alternativas para ela, propondo inseri-la em outros contextos.
- (ROMAÑA, 2004, p. 56)

Os aspectos psicodramáticos e os didáticos não devem ser vistos de forma exclusiva, devem atender o passos citados e cada educador irá diversificá-los devido às situações que enfrentam, cada profissional tem um diferencial o que o torna original e único, embora possuindo semelhanças com outros. (ROMAÑA, 2004)

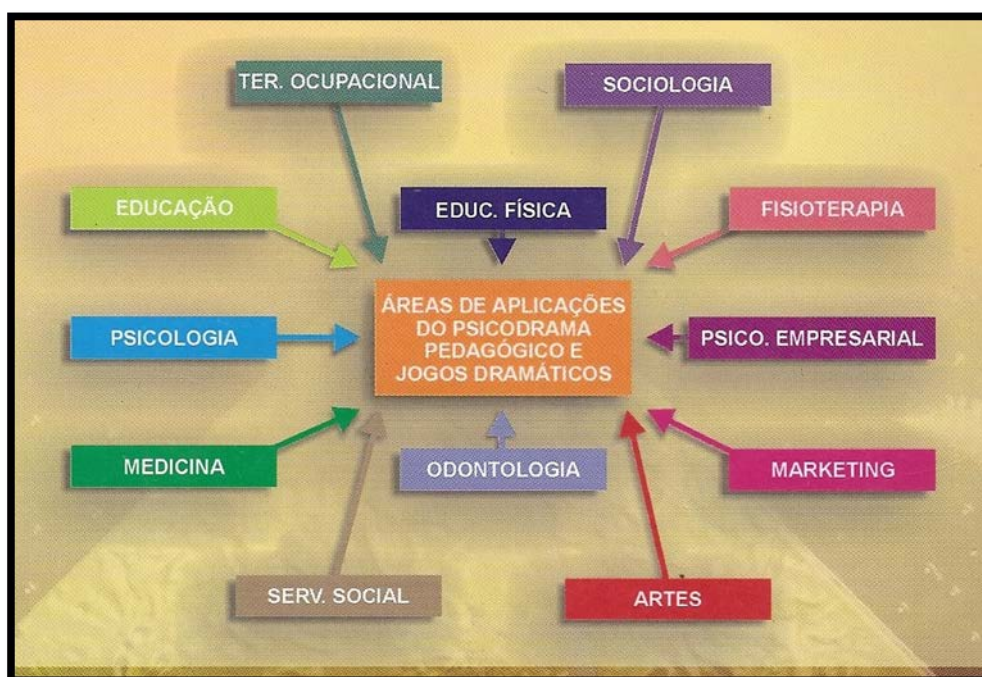
Já Diniz (2001) vem trazer o método psicodramático que engloba elementos de valor psicopedagógicos. No campo pedagógico esse método desperta uma possibilidade de maior concentração, favorecendo a memorização e um interesse pelo trabalho. As cenas criadas estimulam capacidades intelectuais, rapidez, raciocínio e a expressão oral.

Ao valor psicológico, o método facilita a inovação, iniciativa, autoconfiança, influenciando nos poderes de criação. Os efeitos motores, também são influenciados nas ações das cenas, a motricidade geral, pode realizar uma maior flexibilidade corporal. No social, proporciona a interação, a vivência em grupo, a comunicação e a uma melhoria nas relações sociais. Diniz (2001) ainda afirma o que pode ser aplicado como recurso didático:

Tanto o Psicodrama Pedagógico, como os Jogos Dramáticos, podem ser aplicados como recursos didáticos, respondendo vivencialmente aos planos curriculares. Nos cursos de Psicodrama Pedagógico que realizamos com professores, foram vivenciadas técnicas dramáticas abrangendo várias matérias curriculares, entre elas: ciências, geografia, português, história e matemática. O Psicodrama na educação é um método que vê o desenvolvimento do aluno em um sentido mais amplo, como um todo. (DINIZ, 2005, p. 25)

A figura a seguir apresenta as áreas de aplicações do psicodrama de acordo com Diniz (2005):

FIGURA 2 – Áreas de aplicações do psicodrama pedagógico e jogos dramáticos



Fonte: Diniz, 2001, p. 26

Na gestão de aulas Lima (2004) acredita que através de recursos como a inversão de papéis é possível investigar os vínculos entre alunos e os grupos, e trabalhar a dinâmica da classe a fim de gerar melhor coesão e estabelecer regras de trabalho e

convivência, solucionar problemas e até mesmo incluir membros da turma que estejam isolados. As técnicas dramáticas também podem ser validas para o ensino de conteúdos conceituais específicos, a autora cita um exemplo em uma aula de “psicologia do desenvolvimento”:

[...] antes da leitura dos textos adotados, é possível dividir a classe em subgrupos, sorteando-lhes dada faixa etária (de 0 a 2 aos, de 3 a 6 anos, de 7 a 11 anos, e assim por diante). Então, pede-se aos grupos que dramatizem: “De que brincam?” ou “O que gostam de fazer as crianças ou os jovens, nesta idade?”. A partir das dramatizações apresentadas, quase todo o conteúdo programático pode ser abordado, como o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, afetivo, moral e social. (LIMA, 2004, p. 59)

A didática pode ser trabalhada em todos esses ramos e com vários recursos, passar por essas vivências segundo Romaña (1992) é um treino de paciência, tolerância, confiança, humildade, seletividade que estará marcado pelos valores dos integrantes do grupo e pelos valores coletivos. “os trabalhos didáticos que visam chegar dramaticamente à conceitualização a partir da experiência de vida são extremamente ricos pela diversidade das contribuições e pela modéstia dos recursos disponíveis perto da grandiosidade do que cada um está querendo dizer e expressar.

Portanto, o problema deste trabalho está ligado a toda essa perspectiva da didática no método psicodramático nos grupos socioeducativos. Os recursos didáticos são muito comuns em escolas, nas salas de aula, nos GS eles também são utilizados e com o uso do psicodrama nesse processo. A partir disso surgiu o problema de saber quais são as contribuições dessa didática diferenciada e quais as percepções de pedagogos participantes e ex-participantes dos GS em relação à didática psicodramática. Nos próximos capítulos serão abordados o método de pesquisa, os instrumentos utilizados, a técnica, análise, discussão dos dados coletados nesse período de trabalho nos GS e as considerações finais do trabalho.

5 METODOLOGIA

5.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA METODOLOGIA

O método utilizado será o fenomenológico. Trata-se de uma pesquisa-ação. A partir do método de pesquisa escolhido pudemos garantir objetividade na investigação do tema.

Esclarecer o que é dado é o principal objetivo do enfoque fenomenológico. O como se dá, o como acontece, sem se explicar mediante leis ou princípios o que está presente na consciência dos sujeitos, é o que interessa ao pesquisador. O objeto de conhecimento da fenomenologia é o mundo enquanto é vivido pelo sujeito, e não apenas o sujeito e o mundo vistos de forma singular. (GIL, 2008).

O cotidiano e a forma de viver das pessoas são pressupostos da pesquisa fenomenológica, GIL (2008) ainda afirma que:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definição e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. (GIL, 2008,p. 15).

Para haver uma colaboração entre o pesquisador e os pesquisados a pesquisa-ação será utilizada, por possuir um caráter participativo, democrático e que pode contribuir para alguma mudança dentro e fora do grupo de pesquisa. Segundo Barbier (1985):

[...] a pesquisa é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar essa práxis. (BARBIER, 1985,p.156).

Além do caráter colaborativo a pesquisa-ação também pode ser uma estratégia educacional para o desenvolvimento de alunos e professores para que possam utilizar suas pesquisas para um melhor aproveitamento do ensino e da aprendizagem dos alunos. (TRIPP, 2005).

Por se tratar de uma pesquisa que estimula os participantes a pensar e expressar suas opiniões livremente a pesquisa é qualitativa, por possuir a aplicação de um questionário, que por meio de relatórios poderá apresentar uma percepção em comum do público entrevistado, trata-se de uma pesquisa quantitativa. Portanto a pesquisa é quanti-qualitativa, que segundo Creswell (2007) pode gerar uma integração de dados:

A integração dos dois tipos de dados pode ocorrer em diversos estágios do processo de pesquisa: na coleta de dados, na análise de dados, na interpretação ou em alguma combinação de locais. Integração significa que o pesquisador "junta" os dados. Por exemplo, na coleta de dados, essa "mistura" pode envolver a combinação de questões abertas com questões fechadas de um questionário. A mistura no estágio de análise e interpretação de dados pode envolver a transformação de temas ou códigos qualitativos em números quantitativos e a comparação dessas informações com resultados quantitativos em uma seção de "interpretação" do estudo. O local em que ocorre a integração no processo parece estar relacionado ao fato de a coleta de dados ocorrer em fases (uma sequência) ou em uma única fase (concomitante).(Creswell, 2007, p. 215)

5.2 CORPUS DA PESQUISA

5.2.1 PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA

O problema norteador da pesquisa é: quais as características da didática sociopsicodramática na realização dos grupos socioeducativos?

O principal objetivo da pesquisa é analisar a didática sociopsicodramática nos grupos socioeducativos. O objetivo secundário deriva da necessidade de se compreender e avaliar a didática da pedagogia da UnB em relação à gestão de grupos socioeducativos e analisar a percepção das pedagogas que atuaram na gestão de grupos socioeducativos quanto à didática utilizada nos encontros.

5.2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O Instituto Círculo de Giz foi escolhido para se conduzir a pesquisa, porque a pesquisadora participou do grupo por cerca de dois anos (desde o Projeto 3), vivenciando experiências muito significativas, que fizeram chegar ao tema e ao

problema de pesquisa. O Instituto atende a usuários ou ex-usuários de drogas que estão em conflito com a lei, por portarem algum tipo de substância ilícita, cumprindo então a medida socioeducativa.

Os participantes do grupo são jovens e adultos entre 18 e 36 anos que foram flagrados por policias portando substâncias ilícitas, sendo a principal delas a maconha. São encaminhados pelo Serviço de Assessoramento a Magistrados sobre Usuários de Drogas (SERUQ), do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT). De acordo com o Artigo 28 da Lei 11.343 (BRASIL, 2006) quem for pego portando drogas sem autorização será submetido a penas, sendo a última a permanência no GS: I- advertência sobre os efeitos das drogas; II- prestação de serviços à comunidade; III- medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.

No Tribunal, os jovens e adultos assistem a uma palestra e logo em seguida são encaminhados a psicólogos que, a partir de seu perfil, os mandam para diversos grupos existentes. Quando chegam ao Instituto Círculo de Giz passam por 6 encontros que são divididos por temas diversos e atuais. Após os tramites legais e por passarem pelo grupo, retornam ao SERUQ para que então fiquem quites com a justiça.

Além dos beneficiários encaminhados, três convidados, seis alunas de pedagogia, uma aluna de mestrado da sociologia, um aluno de mestrado de artes cênicas, todos da Universidade de Brasília – UnB e uma aluna de letras de outra instituição também participaram de alguns encontros de forma voluntária, ou apenas para observação. O grupo é coordenado por um psicólogo, que como todos os outros participantes, não terão sua identidade revelada neste trabalho. Ocorreram 36 encontros, com 41 participantes no total com duração de duas horas cada encontro, acontecendo as segundas e terças-feiras no período da tarde.

O planejamento da pesquisa obedeceu ao calendário descrito no próximo quadro, durante dois períodos letivos:

QUADRO 1 - Organização da definição de processo de pesquisa

Atividades	Mês e Ano									
	Ago/ 2013	Set/ 2013	Out/ 2013	Nov/ 2013	Jan/ 2014	Fev/ 2014	Mar/ 2014	Abr/ 2014	Mai/ 2014	Jun/ 2014
Definição do pré-projeto de pesquisa						X	X			
Pesquisa bibliografia					X	X	X	X	X	
Encontros/ coleta de dados	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Redação e digitação						X	X	X	X	X
Análise dos dados									X	X
Revisão do Texto									X	X

Fonte: a autora.

Para esta pesquisa serão utilizados dados de seis grupos, onde os participantes eram a maioria do sexo masculino possuindo apenas duas mulheres. Ao final de cada encontro, somente era exigido aos beneficiários que assinassem uma lista para o controle de sua presença. Para melhor visualização das informações descritas, segue o quadro com as datas em que foram realizados os encontros e seus dias da semana:

QUADRO 2 – Calendário de organização dos encontros.

SETEMBRO/2013						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	1
2	2	2	2	2	2	2
2	3	4	5	6	7	8
2	3					
9	0					

OUTUBRO/2013						
D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
1	1	1	1	1	1	1
3	4	5	6	7	8	9
2	2	2	2	2	2	2
0	1	2	3	4	5	6
2	2	2	3	3		
7	8	9	0	1		

NOVEMBRO/2013						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
1	1	1	1	1	1	1
0	1	2	3	4	5	6
1	1	1	2	2	2	2
7	8	9	0	1	2	3
2	2	2	2	2	2	3
4	5	6	7	8	9	0

DEZEMBRO/2013						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
1	1	1	1	1	2	2
5	6	7	8	9	0	1
2	2	2	2	2	2	2
2	3	4	5	6	7	8
2	3	3				
9	0	1				

JANEIRO/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
1	1	1	1	1	1	1
2	3	4	5	6	7	8
1	2	2	2	2	2	2
9	0	1	2	3	4	5
2	2	2	2	3	3	
6	7	8	9	0	1	

FEVEREIRO/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
1	1	1	1	2	2	2
6	7	8	9	0	1	2
2	2	2	2	2	2	
3	4	5	6	7	8	

MARÇO/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
1	1	1	1	2	2	2
6	7	8	9	0	1	2
2	2	2	2	2	2	2
3	4	5	6	7	8	9
3	3					
0	1					

ABRIL/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
1	1	1	1	1	1	1
3	4	5	6	7	8	9
2	2	2	2	2	2	2
0	1	2	3	4	5	6
2	2	2	3			
7	8	9	0			

MAIO/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
1	1	1	1	1	1	1
1	2	3	4	5	6	7
1	1	2	2	2	2	2
8	9	0	1	2	3	4
2	2	2	2	2	3	3
5	6	7	8	9	0	1

JUNHO/2014						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
1	1	1	1	1	2	2
5	6	7	8	9	0	1
2	2	2	2	2	2	2
2	3	4	5	6	7	8
2	3					
9	0					

Grupo 1

Grupo 2

Grupo 3

Grupo 4

Grupo 5

Grupo 6

Fonte: a autora.

Desde o início dos encontros e de cada grupo, todos os beneficiários são assegurados quanto ao sigilo das informações que são transmitidas. Os beneficiários serão identificados como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), Participante (P3) e assim quantos forem necessários. Do mesmo modo, as pedagogas entrevistadas serão identificadas por Entrevistada 1 (E1), Entrevistada (E2), Entrevistada (E3) e assim por diante.

5.2.3 ESCOLHA DAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Gil (2008) afirma que a fundamental regra do método fenomenológico é “avançar para as próprias coisas”, o por isso da escolha desse método. É necessário esclarecer o que é dado, o livre fornecimento de informações dos participantes da pesquisa, é a melhor forma de se obter dados para o estudo. Não possuir um planejamento rígido e de técnicas estruturadas para a coleta de dados, são o pressuposto para se fazer a fenomenologia.

Por não haver gravações, ou outro qualquer tipo de exposição dos participantes a coleta de dados foi feita a partir da observação participante, elaboração de um diário de bordo e a construção de um pequeno questionário que será utilizado com ex-diretores do grupo, para que sejam analisadas suas percepções. Na observação participante é necessário ter um contato como membro do grupo, como ocorre nos encontros realizados, fazendo partes de suas atividades, sendo assim o destaca de Gil (2008) relata o que acontece no grupo:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p.103).

Para não ocorrer perda de dados relatos dos participantes, um diário de bordo foi elaborado, nele foram anotadas as principais falas, percepções e as atividades realizadas durante os encontros. De acordo com Minayo (1993):

[...] um diário de campo é caracterizado, desta maneira: [...] constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais. (MINAYO, 1993, p.100)

Para uma melhor avaliação e análise, será aplicado um questionário a ex-diretores do grupo. Pequeno e objetivo o questionário servirá para que os mesmos deixem suas percepções, críticas e sugestões a respeito da didática utilizada nas

atividades realizadas e de como o grupo marcou suas experiências. As questões serão abertas, que segundo Gil (2008) poderão oferecer suas próprias respostas, tendo ampla liberdade de resposta.

5.2.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DE DADOS

Após os dados coletados, será realizada a análise dos mesmos que segundo Gil (2008) pode proporcionar uma descrição direta das informações, das experiências tais como elas são. Segundo Bardin (1979) “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” A função heurística citada por ela, aborda que:

A análise de conteúdos enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão a descoberta. É a análise de conteúdo <<para ver o que dá>>. (BARDIN, 1979, p. 30).

Será possível compreender o fenômeno dando ênfase em suas opiniões e vivências dentro das atividades realizadas, podendo assim ter um melhor contato para que a análise do fenômeno aconteça.

6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão abordados os resultados da pesquisa atendendo a pesquisa-ação e ao método fenomenológico. Será relatada uma descrição geral e analisada dos encontros dando ênfase nas atividades didáticas psicodramáticas realizadas e na impressão dos beneficiários em relação às mesmas. As perspectivas das pedagogas participantes e ex-participantes do grupo também serão apontadas. O objetivo principal e o problema da pesquisa serão utilizados no decorrer dos resultados encontrados referente a eles, e para encerrar as considerações finais da pesquisa.

6.1 DESCRIÇÃO GERAL E ANÁLISE DOS ENCONTROS

As sessões do grupo no instituto aconteciam semanalmente e duravam cerca de duas horas cada, nos encontros eram realizados anotações no diário de bordo, contendo os principais fatos marcantes com falas dos participantes, posturas e o que mais fosse relevante durante as conversas e atividades realizadas. Os atendimentos aconteciam em um consultório de atendimento psicológico um ambiente alegre, colorido com almofadas, sofás, água, café o que garantia um conforto aos participantes, diferente dos lugares que comumente acontecessem as medidas socioeducativas.

Os assuntos abordados nos encontros eram os mais diversos, podiam ser já pré-determinados pelos diretores ou então assuntos abordados pelos próprios beneficiários. Os métodos mais utilizados como didática na realização das atividades foram à auto-apresentação, o psicodrama, os jogos dramáticos e os educativos, role playing, sociodrama e o método educacional psicodramático.

Para a análise foram selecionadas algumas das atividades principais que foram realizadas nos encontros e que abordam a didática psicodramática, e também o questionário aplicado a participantes e ex-participantes do GS, considerando a observação de todos os grupos utilizados para a pesquisa. Os dados obtidos foram

organizados em momentos, os mesmos irão abordar os seis grupos utilizados na pesquisa de forma geral, são divididos da seguinte forma:

- **Primeiro Momento:** 1º e 2º encontros;
- **Segundo Momento:** 3º e 4º encontros;
- **Terceiro Momento:** 5º e 6º encontros.

PRIMEIRO MOMENTO

O primeiro momento é destinado a chegada dos participantes ao grupo, como uma acolhida, para a integração e apresentação de todos e de como se trabalha no Instituto Círculo de Giz. Eles recebem as informações sobre faltas, atrasos, horário e anonimato. Primeiramente o coordenador do grupo informava aos participantes três princípios do GS: “Gratuidade, não se cobra nada e acredita-se que os participantes ganham em algo; Sigilo; há um compromisso interno de tudo o que for dito no ambiente do GS permanecerá em sigilo, informando a eles que o que será apresentado no tribunal é a lista de presença; e Aprendizagem, tentam contribuir para a formação de opinião e esperam que os participantes aprendam alguma coisa.” (FRANCO, 2013, p. 70)

A primeira técnica utilizada foi de auto-apresentação onde eles se apresentam falando o nome, idade, onde moram, onde estudam e relatam também um pouco sobre sua vida familiar. A maioria dos participantes são das cidades periféricas do DF e não possuem um alto índice de escolaridade. Alguns deles já eram formados, outros não tinham terminado nem o ensino médio.

Alguns deles eram mais fechados e falavam somente o básico, não se sentiam à vontade e nem seguros em relação ao sigilo, chegaram até a perguntar sobre câmeras no local, o que não há. Mesmo se sentindo desconfortáveis no decorrer do encontro, se sentiam mais a vontade e falavam mais sobre os assuntos que iam ocorrendo no grupo.

No segundo encontro o tema era a abordagem policial. Um por um eles relatavam as suas experiências e como chegaram até o GS. As histórias eram as mais diversas, as abordagens aconteciam de várias formas. O que eles mais reclamavam era do abuso de poder dos policiais, muitos eram agressivos sem necessidade, a revolta neles era muito

grande. Nesse encontro é realizada uma cena onde a história de abordagem mais votada pelos participantes, como a favorita é encenada pelos mesmos. Utiliza-se do teatro espontâneo.

Durantes esses dois primeiros encontros eles relatavam sobre as suas experiências com as drogas, em relação ao primeiro contato e se a ainda eram usuários. A grande maioria era usuária e um número muito pequeno já não usava mais a droga. A partir dos relatos foi perceptível que eles começaram a usar drogas muito cedo, ainda crianças e tiveram o primeiro contato na escola.

SEGUNDO MOMENTO

No segundo momento os participantes já se sentem bem mais a vontade e os assuntos que vão surgindo no grupo são da atualidade. Sempre chegavam com alguma notícia, principalmente em relação à legalização da maconha em outros países. Esse era um tema muito polêmico, as opiniões eram as mais diversas, a maioria era a favor da legalização. A política também era um dos assuntos que os empolgavam.

Uma das técnicas utilizadas nesses encontros era o jornal vivo, o coordenador levava alguma manchete do jornal, e ali eles discutiam sobre a notícia. Outros temas abordados foram que o álcool era a pior droga de todas, a questão dos diversos tipos de tráfico, o uso recreativo e o uso medicinal etc. No quarto encontro a técnica utilizada era o jogo do querer e precisar, onde eles relatavam suas maiores vontades no momento e seus desejos futuros.

Um assunto que foi muito abordado foi a relação da mídia com as drogas, eles se incomodavam muito com a mídia pesada em relação a maconha, eles a defendem com unhas e dentes e relatam que não causa mal à eles, a sensação que sentem é de prazer e a utilizam muito para o relaxamento, quando chegam em casa cansados dos estresses diários.

Em um dos grupos, aconteceu do encontro ser no dia 1º de abril, o dia da mentira, o que gerou entre eles uma discussão sobre a mentira. A maioria deles não achava que mentir era bom, mentiam apenas quando havia necessidade. Outros

utilizavam da mentira para não ir trabalhar ou para não ir à escola, o assunto rendeu de maneira significativa e várias histórias foram surgindo, o que demonstrava cada vez mais a liberdade que o grupo estava sentindo durante os encontros.

TERCEIRO MOMENTO

Nos dois últimos encontros (5º e 6º) os temas que mais interessavam a eles continuavam a ser discutidos e suas reflexões iam surgindo. Em um dos grupos possuía um casal que estava separado e por isso diversos temas como gravidez e traição surgiram. Muitos confessaram que já traíram e os mesmos falam que trair é errado. Os participantes homens falam que trair, em relação à mulher, era feio, que para os homens era algo normal. O preconceito em relação à mulher aparecia na maioria das discussões, principalmente no fato de a mulher usar drogas. Muitos não queriam que suas namoradas ou filhas usassem, para eles era “feio”.

Em uma das atividades realizadas no 5º encontro o coordenador do grupo pedia para que eles dissessem palavras que remetessem a droga, as mais diversas surgiram como: dinheiro, polícia, guerra, tráfico, fome, cigarro, vício, destruição, morte etc. Essas palavras eram comuns na maioria dos grupos, o que mostra o quanto seus pensamentos estão relacionado ao se remeter a palavra droga.

Um jogo de perguntas, elaborado pelas estudantes de pedagogia, foi utilizado para encerrar o último encontro. Nele havia diversas perguntas sobre sentimentos, fatos do dia-a-dia, sobre drogas e relacionadas ao grupo. Uma caixinha também era utilizada para que eles deixassem suas percepções sobre o grupo, o que foi muito interessante. Um lanche colaborativo era realizado no último encontro de cada grupo, o que os encerrava de uma maneira leve e descontraída.

6.2 ANÁLISE DA DIDÁTICA PSICODRAMÁTICA

Algumas das atividades realizadas nos encontros foram às seguintes: auto-apresentação, abordagem policial (teatro espontâneo), jornal vivo, Jogo querer e

precisar e caixinha da reflexão. Outras atividades foram realizadas, essas foram escolhidas para a análise por possuir caráter mais significativo da participação dos integrantes. A seguir as mesmas serão descritas e analisadas quanto as suas contribuições.

Auto-apresentação

A auto-apresentação é realizada no primeiro encontro como uma forma acolhida aos participantes. Após o coordenador do grupo apresentar as regras presentes no Instituto Círculo Giz eles são conduzidos a participar da auto-apresentação. Por ser a primeira atividade realizada no grupo, muitos deles não se expressam da maneira esperada, muitos de início de se recusavam a falar.

Essa técnica ajuda na quebra de preconceitos, e os fazem olhar para os outros de maneira diferente, conhecendo a história de cada e os fazendo sentir mais confortáveis com os locais e as pessoas. O fato de estarem ali com alunas de pedagogia, os deixavam bastante curiosos, pois pensam que se encontrariam apenas psicólogos.

Com o decorrer da atividade, as risadas e comentários sobre a vida dos participantes iam surgindo o que provocava neles uma maior abertura logo no primeiro dia de encontro, e os que se encontravam mais contidos, já começavam a falar mais sobre a sua vida. Alguns se identificavam por serem da mesma cidade, ou por freqüentarem os mesmos lugares, conhecerem pessoas em comum. Esta técnica proporciona uma maior interação, onde um acaba conhecendo a realidade e um pouco da história do outro, fazendo com que a quebra gelo acontecesse, e a liberdade do diálogo acontecesse de forma mais rápida.

Teatro espontâneo

O teatro espontâneo é realizado no segundo encontro a partir do momento em que eles vão relatando suas abordagens policiais. Um a um vão contando suas

experiências, um comentando a do outro, umas chegando até mesmo a arrancar risos de todos, transformando o ambiente em um local descontraído.

Após todos falarem sobre suas abordagens, havia uma votação onde eles mesmos escolhiam a história mais interessante. Após a história escolhida eles representavam a cena e o diretor dela era o dono da própria história. De início alguns ficaram tímidos e não quiseram representar. Depois de muita conversa, todos aceitam e entram em cena. O diretor escolheu os personagens, inclusive escolheu um colega para representá-lo.

O diretor ia contando a história e eles realizando a cena. A cena interpretada neste dia foi a do participante 39(P39) que foi pego em uma blitz com posse de cocaína, tentou fugir em uma moto (roubada), houve perseguição, os policiais estavam armados e logo em seguida ele foi preso. Por suas palavras foi uma “abordagem tenebrosa”. Os outros participantes davam opiniões de como a cena poderia ter sido, principalmente em relação ao P39 ter tentando fugir, eles refizeram a cena, tirando essa parte para que a abordagem fosse mais pacífica.

Esta é uma das atividades em que há a possibilidade de se colocar no lugar do outro. Cada um teve sua abordagem e poder escutar e interpretar a de outro participante é uma forma de poder se sentir mais próximo do mesmo. Além de contribuir neste aspecto, podem mudar o final da cena, os fazendo pensar um pouco em como a situação poderia ter sido. A timidez é vencida e o corpo se movimenta, não ficam o tempo todo sentados, participam de forma mais ativa dos encontros, proporcionando momentos de alegria e descontração.

Jornal vivo

Na técnica do jornal vivo “uma forma possível de trabalhar para produzir o tecido dramático próprio do jornal vivo é a de ir compondo as cenas de acordo com a versão oficial da notícia [...]” (ROMAÑA, 1999, p. 14), no grupo adaptamos essa técnica e não utilizamos de cenas, porque elas já aparecem no teatro espontâneo.

Nesta atividade o coordenador traz alguma notícia, na maioria dos grupos sempre uma notícia do próprio dia, para que eles possam falar sobre e ela, apontar as causas e possíveis soluções. A notícia do dia do grupo era “Tráfico aterroriza escola pública em Ceilândia”, para a maioria deles era uma notícia comum, afinal muitos tem o contato com o tráfico muito cedo, em suas próprias histórias.

“O tráfico deve acabar.” – Participante 17 (P17)

“O tráfico só vai acabar se a maconha for legalizada.” – Participante 17 (P17)

Essas respostas chamaram a atenção, pois eles acreditam que se a maconha for legalizada e o tráfico irá acabar. Com esta atividade sempre diversos outros temas surgem, como o tráfico de outros objetos, alimentos, como arroz, café que foram citados pelo coordenador. Diversos outros temas foram abordados em todos os grupos, e isso nos mostrava o quanto eles eram atualizados e interessados em notícias sobre as drogas.

Jogo querer e precisar

Este jogo era realizado pelas alunas de pedagogia e pela pesquisadora. Logo no início do encontro as conversas iam surgindo e os participantes iam contando acontecimentos da semana. Depois da conversa inicial, foi entregue a eles revistas e tesoura para que recotassem algo que queriam e algo que precisassem. Após suas escolhas eles deveriam explicar o porquê de cada foto. O quadro a seguir apresenta as escolhas de alguns dos participantes:

QUADRO 3 – Jogo querer e precisar

Participante	Querer	Precisar	Maconha – Quer ou precisa?
P30	Restaurante, quer montar o próprio negócio.	Praia, quer aproveitar a vida.	Precisa.
P31	Quer voltar a praticar jiu-jitsu, não pratica	Precisa malhar e de uma moto.	Precisa.

	mais por falta de dinheiro. Quer viajar.		
P32	Quer comer, pois não havia almoçado.	Precisa de uma casa para morar sozinho, não quer formar família por agora.	Quer.
P33	Quer saúde, saltar de pára-quedas e ter dois filhos.	Precisa de saúde e de dinheiro.	Não fuma.
P34	Quer um relógio para ser mais pontual e responsável.	Precisa de um carro para trabalhar.	Quer parar de fumar.
P35	Quer ser feliz com o filho que vai nascer.	Precisa de uma casa distante do mundo.	Quer.
P36	Quer se formar em gastronomia.	Precisa viajar para qualquer lugar.	Quer.
P37	Quer viajar.	Precisa viajar.	Quer.
P38	Quer uma casa para relaxar.	Precisa de dinheiro.	Quer e precisa.
P39	Quer uma casa em lugar sossegado. Quer ter um filho.	Precisa da casa em um lugar sossegado.	Não fuma.
P40	Quer um carro.	Precisa do carro e de uma casa para a família.	Quer.
P41	Quer viajar para um lugar tranquilo.	Precisa de dinheiro.	Não quer e nem precisa.

Fonte: a autora.

Neste jogo é possível observar as diversas formas que os participantes encontram para expressar o que estão sentindo naquele momento. Uma resposta muito comum foi a de viajar, muitos querem fugir um pouco do seu mundo e viajar é uma forma que eles encontram para isso. Alguns contam dos seus planos para o futuro e até mesmo de suas necessidades como o dinheiro, carro para trabalhar e casa para um melhor conforto. Muitos em suas respostas não esperavam luxos, queriam apenas o necessário.

Em relação à droga, poucos tem a coragem de admitir que precisam da mesma. A resposta da maioria é que quer usá-la apenas em momentos de lazer ou estresse, mas que não precisa dela. Alguns até não fumam mais e não querem e não precisam. Alguns se sentiam desconfortáveis ao tocar neste assunto do precisar, não queriam admitir de forma alguma que tinham o vício. Os que precisam falaram abertamente sobre o assunto e em nenhum momento se incomodaram em admitir o vício.

Com esta técnica podemos abordar os mais diversos questionamentos e podemos perceber pelo o que estão passando os participantes. O querer e precisar em relação as

suas necessidades como coisas materiais é um assunto fácil e descontraído de ser tratado, mas quando o assunto são as drogas, especificamente a maconha, sentem-se desconfortáveis e muitos não admitem se tem o vício.

Caixinha da reflexão

A caixinha da reflexão foi criada pelas alunas da pedagogia e pela pesquisadora com o intuito de poder recolher as percepções dos beneficiários em relação ao GS. Eles recebiam papéis e caneta para escreverem o que quisessem sobre o grupo e não precisavam se identificar, para se sentirem a vontade para fazer sugestões ou críticas. Os resultados foram os mais diversos, alguns se expressam com desenhos de “carinhas sorrindo” e outros com os seguintes recados:

“Muito bom.”

“Legal.”

“Foi bom, me diverti muito.”

“O dia de hoje foi bom e deu para ter uma boa dinâmica.”

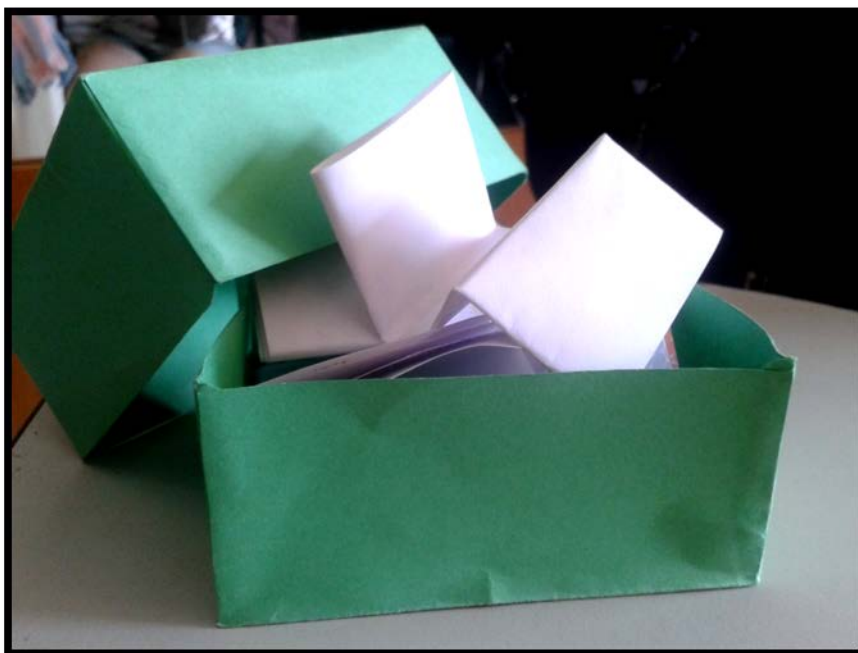
“Foi bem tranquilo, histórias, vontades e necessidades de pessoas diferentes que acabam coincidindo com as nossas.”

“Momento descontraído.”

“Achei legal, esperava algo mais sério, como um relatório.”

Com a caixinha as respostas sobre o grupo foram bastante positivas, eles gostaram e se divertiram. Não se expressaram tanto nas palavras, foram bem objetivos em suas respostas. Gostaram da dinâmica do grupo e não esperavam que o ambiente do grupo seria tão descontraído e com atividades diversificadas. Foi possível perceber que o grupo conseguiu alcançar resultados positivos com os participantes. A caixinha utilizada na atividade era a seguinte:

FIGURA 3 – Caixinha da Reflexão



Fonte: a autora.

6.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Um questionário foi aplicado a diretoras e ex-diretoras do Instituto Círculo de Giz. Suas identidades serão preservadas. A seguir serão apresentadas as questões e as respostas respectivamente, seguidas da análise e grifos nas respostas realizadas pela pesquisadora.

QUADRO 4 – Respostas da Questão 1

Entrevistadas	QUESTÃO 1 Na disciplina “Didática” cursada na UnB, quais os conteúdos que você julga relevantes à gestão de Grupos Socioeducativos?
E1	“Na didática aprendemos a lidar com o contexto de sala de aula , aprendizagem e avaliação dos conteúdos. No máximo o que foi relevante foi à questão dos jogos e da didática mais lúdica voltada para o educando, de resto, não sei dizer que foi relevante.”

E2	“No período que eu cursei a disciplina achei poucos conteúdos abordados de relevância para o grupo, a disciplina estava muito voltada para sala de aula , a professora não conseguia utilizar a didática em sua própria aula, desse modo transmitir para nos alunos da matéria métodos didáticos foram quase nulos.”
E3	“Estratégias e recursos de ensino; Planejamento de ensino; Elaboração de plano de aula. ”
E4	“Não lembro.”
E5	Resposta em branco.
E6	“Infelizmente a disciplina de Didática não agregou tanto conhecimento ou esclarecimento sobre o curso e atuação do pedagogo como eu imaginei que faria. Porém acredito que os assuntos tratados em sala de aula, ainda que não tenham sido voltados para os Grupos Socioeducativos, tiveram contribuição, principalmente quando tratamos do agir do pedagogo com diferentes conteúdos. ”

Fonte: a autora.

A partir desta primeira questão foi possível analisar que a disciplina não atende a todos os contextos de trabalho do pedagogo, essa lacuna é perceptível nas respostas das estudantes entrevistadas. A E4 não lembra o que foi abordado e a E5 deixou a questão em branco. As demais reclamaram da mesma situação, de a disciplina não abordar outros contextos a não ser o da sala de aula. A E6 destaca a contribuição da disciplina em relação ao pedagogo lidar com diferentes conteúdos, mas nenhuma delas relata o fato da disciplina abordar o pedagogo em outros contextos.

Podemos perceber o quanto a disciplina de didática tem a melhorar no aspecto de transmitir aos alunos a diversidade de lugares em que o pedagogo pode atuar e aplicar a sua didática, sendo ela qual for. A disciplina deve auxiliar nesse processo aos estudantes, para que estejam preparados para trabalhar em diversos contextos.

QUADRO 5 – Respostas da Questão 2

Entrevistadas	QUESTÃO 2 Descreva procedimentos didáticos utilizados durante os encontros dos GS que você participou.
E1	“Considero como procedimento didático, desde a um debate informal sobre diversos assuntos até os jogos de interação, as práticas teatrais, de imaginação, a dinâmica do querer e precisar. ”
E2	“No GS eram utilizados procedimentos didáticos nos momentos que nos mediadoras encontrávamos assunto difíceis de se manter a imparcialidade, utilizávamos recursos adicionais, como bola, jornal,

	revistas e de maneira descontraída e sem forçá-los a nada nos conseguimos transmitir nossa mensagem do dia sem gerar discussões que pudessem acarretar consequências ruins entre mediadores e participantes.”
E3	“ Psicodrama, sociodrama, roda de conversa, solilóquios , Pesquisa-Ação, Escuta participante.”
E4	“ Leitura de reportagens atuais sobre os assuntos que serão discutidos pelo grupo.”
E5	“Os procedimentos foram: um pequeno teatro/encenação de como eles foram pegos pela polícia; querer e precisar (utilizando jornal) e rodas de conversas sobre temas específicos que em alguns momentos foram sugeridos pelo grupo e outros pelos coordenadores.”
E6	“Nos GS utilizamos algumas atividades, como os jogos, os debates e os momentos de reflexão . A dinâmica do grupo incluía em cada dia uma atividade diferente, atividades como o ‘querer e precisar’ que sempre renderam um debate interessante. Os debates como temas geradores foram muito importantes, pois levava a reflexão sobre o usar drogas e suas consequências, que são assuntos que eles normalmente não tem espaço para dialogar.”

Fonte: a autora.

Todas elas relataram a maioria dos procedimentos que acontecem no grupo, o que mostra que elas consideram as atividades realizadas como procedimentos didáticos. A questão do debate e rodas de conversa foi muito citada, pelo fato de o grupo possuir esse caráter mais aberto, onde todos podiam dar suas contribuições sobre qualquer assunto. A E3 já cita o psicodrama e utiliza de termos mais técnicos. A E2 e a E6 trazem com suas palavras como essas atividades foram colaborativas para o grupo.

QUADRO 6 – Respostas da Questão 3

Entrevistadas	QUESTÃO 3 Como você define e descreve a Didática Sociopsicodramática?
E1	“ Dinâmica, espontânea, criativa . O foco está no que o educando conhece e vive. Não visa reproduzir conhecimento e sim construir novos, de acordo com o que cada um sabe.”
E2	“A didática psicodramática é uma maneira de demonstrar conteúdos densos e de características de relevância para o GS, de forma simples, mas que permite instigar o participante, deixá-lo com dúvidas, com perguntas que apenas ele poderá responder . É um método bom de ser utilizado pelos mediadores, proporciona uma forma de aproximação e de confiança do participante de forma mais rápida o que ajuda na hora de desenvolver o trabalho que estamos propondo a eles.”
E3	“Método de ensino baseado no teatro que envolve trabalho em grupo e interação entre os participantes e suas histórias/experiências .”

E4	“Uma forma de trazer a realidade do que acontece diariamente na vida da sociedade em discussão e reflexão. ”
E5	“É um instrumento de ação onde pode ser trabalho em grupo e que de maneira sutil as pessoas revelam elementos emocionais, conflitos e alguns elementos importantes de sua vida e realidade, sendo possível que os sujeitos aprendam a lidar com tais fatos de forma “espontânea” a fim de encontrar soluções para os conflitos existentes.”
E6	“Trata-se de uma didática diferenciada baseada nas técnicas do psicodrama, envolve o nível intelectual e corporal. ”

Fonte: a autora.

Todas elas trouxeram em suas respostas pontos positivos sobre a didática psicodramática. Trazem-na como um método que proporciona interação, troca de conhecimentos, uma forma dos participantes trazem suas experiências, de trabalharem seus conflitos envolvendo o intelectual e o corpo. Proporciona confiança e reflexão nos participantes, o que os fazem ter uma participação ativa no GS.

QUADRO 7 – Respostas da Questão 4

Entrevistadas	QUESTÃO 4 Quais os autores ou autoras que você mais teve acesso?
E1	“No grupo socioeducativo Moreno . Na didática em geral feita na Universidade vi Morin, Bloom, Saturnino de La Torre.”
E2	“Não fiquei muito tempo participando do grupo, então pesquisas foram poucas sobre o assunto e não tenho nenhum autor de referência.”
E3	“ Maria Alícia Romaña; Jacob Levi Moreno, Paulo Bareicha. ”
E4	“Não lembro.”
E5	“Na verdade só tive acesso ao autor Moreno. ”
E6	“A publicações dos próprios diretores do grupo como Paulo Bareichae Graziela Boher, também Maria Alicia Romaña e Jacob Moreno. ”

Fonte: a autora.

O autor que as entrevistadas tiveram mais acesso foi Moreno que trata do psicodrama, Romaña também foi citada e trata sobre a pedagogia psicodramática e sobre as técnicas psicodramáticas, suas realizações e como são realizados, basicamente como é a realizado no GS, que são as técnicas do “role playing, o sociodrama, os jogos dramáticos, o jornal vivo, o teatro espontâneo e o método educacional psicodramático. (ROMAÑA, 1999, p.13) o Professor Paulo Bareicha também aparece por possuir

diversas produções, entre elas sobre o Instituto Círculo de Giz. Podemos ver que a maioria delas teve acesso aos autores o que proporciona uma melhor pesquisa para que haja uma melhor abordagem dos procedimentos didáticos no grupo.

QUADRO 8 – Respostas da Questão 5

Entrevistadas	QUESTÃO 5 Em relação à formação em Pedagogia na UnB, o que você proporia durante o curso para melhorar sua atuação como Pedagoga nos Grupos Socioeducativos?
E1	“Uma disciplina voltada para a prática educativa nos grupos. Na Universidade mal temos uma disciplina que nos ensine onde o Pedagogo deve atuar , isso dificulta muito nossa prática. Creio que estudar a legislação vigente a respeito do assunto, conhecer o campo na prática, e aprender a trabalhar dentro desses ambientes seria um passo importante.”
E2	“A Pedagogia deles possui várias vertentes a serem seguidas, isso é mostrado para os alunos desde o início do curso, mas existe uma ineficiência em mostrar esse amplo campo de atuação, os grupos socioeducativos são de extrema importância e relevância para a Pedagogia, falta essa exploração maior, um maior interesse de professores em trabalharem nessa área e dos alunos buscarem saber mais informações. A pedagogia esta até hoje muito voltada para o ambiente escolar, claro é sua principal área, mas existem outras que merecem ser mais valorizadas, disciplinas que mostrem métodos de se trabalhar com grupos socioeducativos e buscar meios de os alunos se interessarem por esse tema tão rico. ”
E3	“Disciplinas mais divulgadas que sejam voltadas à atuação em grupos socioeducativos.”
E4	“Discussão de assuntos atuais pelos alunos, propondo formas diferentes de atuar com o grupos.”
E5	“Na verdade são necessárias inúmeras ações como palestras e rodas de conversa sobre o tema, público e ações desenvolvidas nesses grupos, além de outras alternativas como disciplinas específicas e estágios ou minicursos na área.”
E6	“De preferência no projeto 2, para que os alunos tivessem mais conhecimento sobre a diversidade de espaços de atuação. E também alguma disciplina que fosse mais voltada para essa área ou até mesmo uma que fosse mais voltada para os jogos educativos.”

Fonte: a autora.

A maioria das entrevistadas relata a falta de informação sobre as diversas áreas em que o pedagogo deve atuar. A E6 fala do projeto 2, onde deveriam ser proporcionado aos alunos os diversos projetos e áreas que eles possam escolher,

incluindo os GS. Muitas propõem para que haja uma disciplina que aborde o tema, o que é muito relevante.

O que podemos perceber através das respostas é que o curso de pedagogia da universidade é muito fechado para a atuação em sala de aula. O graduando deve ter acesso as demais áreas e universos que o pedagogo pode trabalhar e alcançar um espaço maior. Os grupos socioeducativos não possuem uma disciplina ou qualquer outro meio para que os alunos o conheçam. Faz-se necessário uma melhor divulgação e amplificação desta área no curso.

6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A didática psicodramática proporciona diversas contribuições nos encontros do GS. Durante os encontros realizados foi possível perceber o quanto essa didática contribui de forma positiva na realização das atividades e na interação do grupo entre o coordenador, as alunas de pedagogia e os participantes.

Estar em um grupo socioeducativo cumprindo uma medida socioeducativa pode ter um caráter de punição, mas no decorrer dos encontros é possível perceber que pode proporcionar aprendizado de conteúdos, histórias, vivências, o conhecer o outros e principalmente o conhecer a si mesmo. Cada atividade toca ao participante de uma forma diferente o que proporciona diversas contribuições naquele sujeito. Seis encontros é um número pouco, mas que já ocasiona uma forte mudança no comportamento dos jovens e adultos ali presentes.

As pedagogas também aprendem junto com os participantes, com o grupo e as pesquisas realizadas, não esquecendo dos autores e autoras que nos foram apresentados, tornando possível preencher as lacunas deixadas pelo curso e pela disciplina de didática oferecida pela universidade, podendo trabalhar em um ambiente diferente, com pessoas únicas, que compartilham o que querem, o que precisam, o seu vício, sua vida pessoal, suas reflexões e suas risadas diárias.

É possível perceber como uma didática sendo bem executada pode proporcionar resultados positivos em um grupo socioeducativo, mas em outros ambientes, será que proporcionaria os mesmos resultados? O pedagogo teria a possibilidade de aplicar a didática psicodramática fora dos grupos socioeducativos? O pedagogo tem essa possibilidade e deve explorar isso da maneira mais relevante possível. A busca pelo novo é sempre importante e deve permanecer sempre, esta pesquisa é apenas o início de uma longa jornada de novos conhecimentos e de novas didáticas a serem aplicadas em diversos ambientes.

7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Depois de obter a minha formação em pedagogia, pretendo continuar os estudos e não deixar de buscar sempre o melhor para a minha profissão. O curso na UnB me proporcionou ver como o pedagogo tem um grande papel na educação e em ambientes não escolares. Por te explorado o curso de varias maneiras pretendo continuar a busca pelo aprender e também pelas diversas formas de ensinar.

O psicodrama e os grupos socioeducativos me fizeram ter uma visão ampla de como o pedagogo pode trabalhar e de como a sua gama de conteúdos e maneiras de abordá-los podem acontecer de maneira diferenciada. Pretendo continuar os estudos com mestrado e doutorado em educação e focar em concursos, principalmente para a Secretaria de Educação do DF. Quero voltar a cursar educação física que é um curso que me agrada e que faz parte de toda a minha trajetória escolar, sinto que irá acrescentar ainda mais a minha formação e me trará alegria pois ter começado e não poder tê-lo concluído me deixa com a sensação de incompletude.

Posso fazer a diferença como educadora, o estágio me permitiu ver o quantos os alunos vêm seus professores como espelhos e como pessoas importantes, pois estão em seu convívio diário. Se eu chegar a estar em sala de aula pretendo me esforçar ao máximo com meus alunos e mostrar a eles o quanto a educação pode fazer a diferença na vida de cada um. Ser professor não é apenas estar presente em sala transmitindo conteúdos, ser professor e estar presente na vida daqueles alunos e proporcionar a eles o que de melhor à educação pode oferecer.

Como pedagoga me sinto preparada para trabalhar em diversos espaços e pretendo estar disposta a cumprir o papel de educadora em qualquer um deles. O meu foco é estar em sala de aula e poder trabalhar a com uma didática diferenciada aliada ao psicodrama, mas me sinto completamente preparada para trabalhar no espaço em que me for proporcionado. O Brasil precisa de pedagogos que acreditem mais no seu trabalho e de pessoas que valorizem essa profissão, creio estar nesse grupo que acredita e que pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas e da sociedade que precisa acreditar que o futuro com a educação é possível.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. A Pesquisa-Ação na instituição educativa; tradução, Estela dos Santos Abreu com a colaboração de Maria Wanda Maul de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BAREICHA, P. Grupo sócio-educativo (GS) em uma perspectiva sicionômica. In: GHESTI-GALVÃO I.; ROQUE B. C. E. (Org.). A aplicação da lei em uma perspectiva interprofissional: direto, psicologia, psiquiatria, serviço social e ciências sociais na prática jurisdicional. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010. Cap. 4, p.527-541.

BAREICHA, P. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. Linhas Críticas, v.4, n. 7-8, p, 121-136, Universidade de Brasília, 1999.

BOHRER, G. R. Dispositivos sicionômicos na pedagogia de grupos socioeducativos. 2012. XII, 152 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BRASIL. Lei Nº 11.343 de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm> Acesso em 12/05/2014.

CANDAU, V.M. (org.). A didática em questão. Petrópolis, Vozes, 1984.

CANDAU, V. M. F. A revisão da didática. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). Rumo a uma nova didática. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 13-18.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. (coord. técnico) Socioeducação : Estrutura e Funcionamento da Comunidade Educativa. Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006. 156 p.

DINIZ, Gleidemar J. R. Psicodrama: Amplitudes e novas aplicações. São Paulo: Robe Editorial, 2001.

FRANCO, Flávia Ribeiro. O papel dos dilemas na pedagogia de grupos socioeducativos. – Brasília, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Ed. 17. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. Ed, São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. Série formação do professor).

LIMA, Luzia Mara Silva. O drama na formação de professores. In: LIMA, Luzia Mara Silva & LISKE, Lígia Pizzolante. (orgs). Para Aprender no ato: técnicas dramáticas na educação. São Paulo: Ágora, 2004. p. 50-66.

MICHAELIS, Dicionário de português online. Significado da palavra Pedagogia. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pedagogia>>

MINAYO, Maria Cecília de S. O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

MONTEIRO, Regina Fourneaut. O lúdico nos grupos: terapêuticos, pedagógicos e organizacionais. São Paulo: Ágora, 2012.

MÜHLEMBERG, Liane Maria. Mobilização social e psicodrama no trabalho comunitário. Brasília: Linhas Críticas, v.4, n.7-8, 1998.

PINTO, Ana Marcília Pereira Nogueira & LEMOS, Esther Luiza de Souza. O educador social no contexto da política de atendimento à criança e ao adolescente: O cense I – Cascavel – PR. In: Roesler, M. R. von B. & BIDARRA, Z. S. (orgs). Socioeducação: reflexões para a construção de um projeto coletivo de formação cidadã. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011. p. 112-138.

ROMAÑA, M. A. Desenvolvendo um pensamento vivo mediante uma didática sociopsicodramática. Brasília: Linhas Críticas, v.4, n.7-8, 1998.

ROMAÑA, M. A. Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama. São Paulo: Papirus, 1992.

ROMAÑA, M. A. Pedagogia do drama: 8 perguntas & 3 relatos. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

ROMAÑA, M. A. Psicodrama pedagógico. São Paulo: Papirus, 1985.

SILVA, Heralde Oliveira. Educação e construção do conhecimento. Brasília: Linhas Críticas, v.4, n.7-8, 1998.

TRIPP, Davi. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

1 – Na disciplina “Didática” cursada na UnB, quais os conteúdos que você julga relevantes à gestão de Grupos Socioeducativos?

2 – Descreva procedimentos didáticos utilizados durante os encontros dos GS que você participou.

3 – Como você define e descreve a Didática Sociopsicodramática?

4 - Quais os autores ou autoras que você mais teve acesso?

5 – Em relação à formação em Pedagogia na UnB, o que você proporia durante o curso para melhorar sua atuação como Pedagoga nos Grupos Socioeducativos?